

JOSÉ MARIA ALVES

**TEXTOS DO AGORA V
(HISTÓRIAS ORIENTAIS)**

WWW.HOMEOESP.ORG

Não é raro, que uma única história, escrita em poucas linhas, contenha em si mais sabedoria que todos os sistemas filosóficos

Existe um quadro taoísta, que ilustra a cena de três homens reunidos numa mesa, com um jarro de vinagre, bebida que provam.

O primeiro, faz uma espécie de careta, considerando a bebida amarga.

O segundo, do mesmo modo, tem uma expressão de profundo desagrado, em virtude da bebida lhe parecer ácida.

O terceiro, admirando a sua excelência, tem uma expressão radiante, de felicidade.

Há quem diga que o vinagre é a vida e que os três homens são Confúcio, Buda e Lao-Tsé.

O primeiro, Confúcio, julga que a vida é algo terrífico, sendo absolutamente necessário criar cerimônias, a que os homens se submetam.

O segundo, Buda, diz-nos que a vida é amarga, é sofrimento praticamente em todas as suas vertentes, tendo o homem que se libertar de desejos e apegos, de modo a atingir o nirvana, o estado de não-sofrimento.

O terceiro, Lao-Tsé, é otimista e segue o fluxo contínuo da vida. A vida depende em última instância do pensamento que dela tem. Ele é a própria vida e a vida é ele mesmo.

Wei-cheng disse ao Mestre:

“Porque saltais vós assim de um lugar para o outro, como um pássaro? Não será para experimentardes a força da vossa eloquência?”

O Mestre, respondeu:

“Não é que eu experimente a eloquência, mas detesto a imobilidade.”

Confúcio

Certo dia alguém perguntou a Xuedou:

“Qual é o significado vivo do Zen?”

Xuedou respondeu:

“As montanhas são altas, os oceanos são vastos.”

“Qual é a vossa forma de ensinar?”

Respondeu:

“Quando os convidados aparecem, devemos recebê-los.”

O Senhor Buda disse:

“O meu coração alegrou-se. Fiz a descoberta pela qual todos anseiam. Descobri uma verdade tão profunda, praticamente impossível de apreender. Ela é serena, sublime, tranquilizadora, e não é alcançável pela razão. Só se manifesta ao sábio.

No entanto, o mundo entrega-se de corpo e alma ao prazer. Em boa verdade, os seres a muito custo poderão compreender a lei do condicionamento, a origem interdependente de todas as coisas existentes. Mas, existem seres cujos olhos apenas estão cobertos por um pouco de poeira; esses serão os eleitos e acabarão por compreender a verdade.

Qual é afinal, a Nobre Verdade do Sofrimento?

O nascimento é sofrimento, a velhice é sofrimento, a morte é sofrimento, a dor, o entristecimento, a angústia,

ansiedade e desespero são sofrimento. Não conseguir atingir os nossos desejos é sofrimento, em síntese, os cinco agregados da existência são sofrimento.

Qual é a Nobre Verdade da Origem do Sofrimento?

O desejo que provoca um novo renascimento e que é escravo do prazer e da luxúria, encontra sempre novos deleites. Mas, de onde nasce este desejo e onde vai encontrar a raiz em que se apoia? Seja onde for que existam no mundo coisas deliciosas e agradáveis, o desejo emerge e enraíza-se. Olho, ouvido, nariz, língua, corpo e espírito são deliciosos e agradáveis: é neles, que o desejo nasce e se enraíza.

Os objectos visuais, os sons, os odores, os sabores, as sensações físicas e os objectos do espírito são deliciosos e agradáveis: neles o desejo nasce e enraíza-se.

A consciência, as sensações, os sentimentos nascidos das sensações, a percepção, a vontade, o desejo, o pensamento e o raciocínio são deliciosos e agradáveis: neles o desejo nasce e enraíza-se.

Qual é a Nobre Verdade da Extinção do Sofrimento?

É o desaparecimento e cessação do desejo, a renúncia, o abandono, a libertação e o desapego da causa de todos os males. A cessação da cobiça, do ódio, da ilusão: a isto, na verdade, chamamos nirvana.

E para o discípulo assim liberto, com o coração pleno de paz, nada mais há a acrescentar ao que já foi feito e nada mais há para fazer. Tal como um rochedo permanece imóvel ao vento, também nem as formas, nem os sons, nem os odores, nem sabores de qualquer tipo, nem o desejável ou o indesejável podem demover o discípulo. Aquele que tem estabilidade de espírito alcança a libertação.

E aquele que é no mundo conhecedor de todos os contrastes, nele deixa de ser perturbado, aconteça o que lhe acontecer. Aquele que está em paz, livre do ódio, do sofrimento e dos anseios, passou para além do nascimento e da morte.

A isto, não chamo erguer-se, nem passar além, nem permanecer, nem nascer, nem morrer. Não tem suporte, nem desenvolvimento, nem base. É o fim do sofrimento. A partir deste momento, o propósito da Vida Santa não consiste em receber esmolas, honras ou fama, nem em adquirir concentração e conhecimento. Esta libertação é

o objectivo da Vida Santa, sua essência e finalidade última.

Qual é a Nobre Verdade do Caminho que conduz à extinção do sofrimento?

Entregar-se aos prazeres dos sentidos ou à auto-mortificação? O Buda Perfeito evitou os extremos, tendo encontrado o Caminho do Meio, que conduz à paz, ao nirvana.

Este é o Nobre Caminho Óctuplo, caminho que conduz à extinção do sofrimento:

- Compreensão perfeita;
- Pensamento perfeito;
- Palavra perfeita;
- Acção perfeita;
- Meios de existência perfeitos;
- Esforço perfeito;
- Atenção perfeita;
- Concentração perfeita.

Este é o Caminho do Meio, que o Buda Perfeito encontrou, que nos leva a crer e a conhecer, que é o Caminho que conduz à paz, ao discernimento e à iluminação.”

Perguntaram a Yangqi:

“Quando o fundador do Zen veio da Índia para a China, ficou sentado em frente de uma parede durante nove anos – o que é que isto significa?”

Yangqi respondeu:

“Como era indiano, não falava chinês.”

Um jovem desejava ardentemente instruir-se. Na sequência dessa férrea determinação visitou um Mestre famoso, mas conhecido pelas suas poucas palavras.

Disse o jovem:

“Mestre, preciso do vosso auxílio. Instruí-me na senda da iluminação.”

O Mestre olhou-o vagarosamente e num tom de voz afável, respondeu:

“Atenção.”

“Sim, Mestre. Procuo sempre concentrar-me...”

O Mestre interrompeu-o:

“Atenção não é concentração!”

“Sendo assim, que mais me aconselhais para além da atenção?”

“Atenção, só atenção.”

“Diga-me algo mais”, insistiu o discípulo.

“Atenção, sempre. Atenção, atenção.”

“Mas, o que é que entendeis por atenção?”, perguntou o jovem.

“Atenção é atenção.”

“Mestre, nesta vida devemos ser ricos ou pobres?”

“Filho, são dois grandes problemas. A pobreza é terrível, mas a riqueza é um tormento.”

“Que devemos fazer?”

“Devemos evitar a pobreza, mas também a riqueza”, respondeu o venerável Mestre.

“Qual é o homem nobre? Qual a diferença ou diferenças, o que é que na realidade distingue um homem nobre de um homem vulgar?”

O Mestre, disse:

“Um homem verdadeiramente nobre é o que considera como absolutamente essencial o dever de ser justo e que o cumpre, fielmente, e até ao fim.

O homem nobre nunca guardará a vida pelo preço da sua virtude; melhor ainda, estará sempre pronto a sacrificar-se em nome do bem.

Um homem nobre deplora as suas incapacidades e não deplora o facto de não ser apreciado segundo os seus próprios méritos.

Um homem nobre exige de si mesmo, um homem vulgar exige dos outros.

Um homem nobre respeita a sua dignidade, mas não discute com os outros; liga-se às pessoas, mas não às facções.

Um homem nobre não eleva a um grau de superioridade quem falou bem, mas também não denigre as boas palavras por causa de quem as pronuncia.

Um homem nobre pensa no estudo e na virtude e não receia a pobreza.

Confúcio

O Sufi Bastami, apesar da sua pobreza, projectou realizar uma peregrinação a Meca.

Antes de partir, encontrou um dos seus antigos Mestres, homem idoso, de profunda sabedoria. Este, conhecendo as intenções de Bastami, questionou-o:

“O que é que te leva a viajar até Meca?”

Bastami respondeu:

“Julgo que este é o momento apropriado. Considero estar espiritualmente preparado para ver Deus.”

O velho Mestre olhou fixamente para o seu antigo discípulo, e disse:

“Dá-me o dinheiro que juntaste para a viagem.”

Bastami, por reverência, obedeceu.

Então, já na posse da quantia destinada aos custos da peregrinação, disse:

“Chegado a Meca, darias sete voltas à pedra sagrada. Quero que dês as mesmas voltas em meu redor.”

Bastami, apesar de perplexo, deu as sete voltas em redor do seu Mestre, que continuou:

“Já atingiste o que te propuseste. Não necessitas de viajar. Estou certo, que desde o momento em que o santuário foi construído, Alá não residiu nem por um momento em qualquer das suas partes, inclusivamente

na pedra sagrada. No entanto, esteve e estará sempre no coração do homem. Retorna a tua casa, torna-te atento e faz uma viagem ao teu coração. Aí verás o que nunca conseguirás ver em Meca: Deus.”

Questionado o terceiro Patriarca Zen quanto à dispersão e à quietude da mente, disse:

“Se tentardes parar o movimento e voltar à quietude, a tentativa de estar quieto aumentará o movimento.”

No final de lauto banquete dado pelo rei, todos os convidados entregaram presentes a Krishna, em conformidade com a tradição.

Uns traziam-lhe dinheiro, e ele dizia:

“Serás para sempre rico, e a tua riqueza crescerá sem parar.”

Outros, escravas, e ele dizia:

“Terás muitas escravas.”

Nisto, perante si, surgiu um pobre homem, que trazia consigo o seu único bem: uma vaca leiteira. Ofertou então, ao Senhor Krishna um copo de leite, que este bebeu. Mas, um tanto inexplicavelmente, apontou para o animal com o dedo indicador da mão direita. A vaca morreu instantaneamente.

No meio do silêncio geral, um homem, de cognome “O Justo”, não se conteve:

“Não te entendo Senhor. Aos ricos prometes mais riqueza e maior prosperidade, e a este pobre homem tudo lhe tirastes. Com o respeito devido te questiono se será este um acto de compaixão?”

“A vaca deste homem era o único obstáculo, a única coisa que o separava de mim”, respondeu Krishna.

No palácio real foi servido um faustoso banquete, sentando-se os convidados, segundo a tradição, em função da sua dignidade e classe social.

Enquanto aguardavam pelo rei, entrou um monge errante, vestido com uma velha túnica esfarrapada e um aspecto famélico, que os presentes julgaram ser um mendigo.

Este, sem sequer reparar nos olhares apreensivos dos convidados, sentou-se no lugar mais importante da mesa principal.

O primeiro-ministro, indignado, questionou-o:

“Porque é que te sentas aí? És porventura algum vizir?”

O eremita respondeu:

“Sou muito superior a um vizir.”

“És primeiro-ministro de algum reino?”

“Sou muito superior a qualquer primeiro-ministro.”

“És tu por acaso o rei?”

“Sou superior a todos os reis.”

Cada vez possuído de maior indignação, volveu o afrontado primeiro-ministro:

“Deves pensar que és Deus?”

“Sou muito superior a Deus.”

“Nada é superior a Deus”, vociferou o alto dignatário.

O monge, com um ténue e discreto sorriso, disse:

“Agora já sabes quem eu sou. Esse *nada* sou eu!”

Ma Ananda Moyi costumava contar esta história:

Um rei quis que os dois pintores mais famosos do reino competissem entre si.

Pedi-lhes:

“Quero que cada um de vós pinte o quadro mais belo que exista ou que possa vir a existir.”

Colocou-os na mesma sala, dividindo-os por intermédio de uma cortina.

Um deles, pintou um quadro fantástico, maravilha nunca antes vista; as cores e formas não pareciam pertencer a

este mundo, a atmosfera sublime era celestial. O outro pintor dedicou todo o tempo para polir com um esmero impensável a parede.

O rei quis ver os trabalhos, e ordenou que abrissem a cortina.

Num dos lados da sala, um quadro fantástico. No outro, o seu reflexo espelhado na parede polida, parecendo ter uma beleza muito superior.

O Mestre disse:

“Um homem pode alargar o seu caminho; mas um caminho não pode alargar o espírito de um homem”

Confúcio

Tseu-lu passou uma noite inteira à porta da Pedra no país de T'si.

O guarda, disse-lhe:

“Donde vem o Senhor?”

Tseu-lu, respondeu:

“Da casa de K'ong.”

O guarda, questionou-o:

“É esse que sabe que as coisas são irrealizáveis, mas mesmo assim, não as abandona?”

Confúcio

Existiu um rabino cuja santidade era unanimemente reconhecida.

Uma mulher desesperada visitou-o e disse:

“Rabino, o meu marido deixou-me. Desconheço o motivo. Diz-me, por amor do Santíssimo, se volta?”

Com os olhos fechados, cabeça descaída na direcção da pequena mesa em que se apoiava, respondeu:

“Vai em paz, regressa a tua casa, pois o teu marido irá voltar.”

Um discípulo acompanhou a mulher até à porta e junto desta, segredou-lhe:

“O teu marido não voltará, não te iludas criatura de Deus.”

“Porque me dizes precisamente o contrário do que o homem santo me disse?”, replicou a mulher.

“Durante a vossa conversa, o meu Mestre tinha o seu olhar virado para o interior. Não te viu, mas eu vi.”

Um estudioso da espiritualidade, autor de numerosos livros e artigos, ouviu falar de um homem santo que vivia algures no Himalaia e era considerado um liberto-vivo.

Sentiu uma enorme necessidade de o conhecer. Nos tempos actuais, apenas existiam relatos e ensinamentos escritos de tais seres. Conhecer um, ainda em vida, seria facto notável.

O investigador encetou longa jornada, e encontrou o santo à entrada de uma gruta, sentado debaixo de frondosa árvore.

Não se contendo, começou de imediato a interrogá-lo, após breve apresentação:

“Diz-se que o senhor é um liberto-vivo. Antes de atingir este estado, tinha momentos de depressão e angústia, momentos em que tudo lhe parecia não ter sentido, em que a existência se apresentava como algo absurdo?”

O liberto-vivo, com afável sorriso, disse:

“É evidente, tal como acontece com todos os seres humanos.”

Volveu o investigador:

“E neste momento, tendo atingido a libertação, ainda tem momentos em que a depressão o acometa?”

O santo respondeu:

“Evidentemente, como a toda a gente. Mas, agora, isso não tem qualquer importância para mim.”

Num porto comercial dos mares da China, múltiplos navios carregados de mercadorias preparavam-se para partir.

Os comerciantes foram avisados de que no mar se havia formado uma terrível tempestade, com ventos demoníacos e vagas alterosas.

Todos decidiram e convenceram os capitães dos navios a partir com as suas preciosas cargas e lucros chorudos. Afinal não era essa a sua profissão, o seu mester? Não tinham já enfrentado centenas de temporais?

Apenas um, disse:

“Capitão, sei que tens compromissos inadiáveis, que temos de nos aventurar no oceano, mas prefiro que não arrisquemos. Descarreguemos, pois, as mercadorias, já que as nossas vidas são bem mais importantes do que os bens e do que o lucro.”

Os navios fizeram-se ao mar. No meio de grande tormenta, apenas o que não estava carregado conseguiu resistir, afundando-se todos os outros, com homens, bens e ambições.

Era um discípulo com pouca serenidade e paciência. Ansiava pela libertação, pela iluminação, mas quanto mais a desejava, mais longe do seu objectivo parecia estar.

Angustiado, dirigiu-se ao Mestre:

“Senhor, como poderei atingir a libertação?”

“Não há nada que do exterior te possa aprisionar. É a tua mente que constrói os grilhões que te atormentam”, respondeu o Sage.

O Mestre disse:

“Existem três espécies de amizade que são benéficas e três que são nocivas.

É proveitoso o relacionamento com pessoas honestas, fieis e sábias.

Relacionar-se com papa-jantares, com oportunistas e com bons palradores é de todo prejudicial.”

Confúcio

Confúcio, disse:

“Na sua natureza, as pessoas parecem-se; como consequência da sua educação, diferem.”

O Mestre costumava dizer aos discípulos:

“O sábio abandona o eu, livre de apegos, independe do conhecimento, não debate opiniões nem adota qualquer doutrina.

Não julga os outros, não faz afirmações acerca dos outros. Uma pessoa destrói-se ao fazer julgamentos sobre os outros.

Agarra-se firmemente ao refúgio da verdade. Não procura refúgio em ninguém a não ser em si mesmo.”

“Como reconheceis as qualidades de um homem nobre?”

Confúcio respondeu:

“As qualidades de um homem nobre são semelhantes ao vento, as de um homem vulgar parecem-se com a erva. Se o vento soprar, a erva dobra-se.”

Um discípulo, disse:

“Mestre, ensinas que Deus está no nosso interior. Mas, como pode a vastidão, o incomensurável, estar no que é limitado pelo espaço-tempo?”

“Vai ao Ganges e traz-me um litro de água”, pediu o Mestre.

Quando o discípulo trouxe a água, o Mestre disse:

“Esta não é a água do Ganges!”

“Como assim, Mestre, claro que é, fui eu mesmo que a recolhi?!”

“Mas, onde estão os peixes, as tartarugas, os fieis que nele se banham, os monges que fazem abluções e os cadáveres que arrasta? Nada disto vejo nesta água. Vai e atira-a ao Ganges.”

Quando o discípulo regressou, o Mestre disse:

“Agora, o teu litro de água misturado com a água do rio contém tartarugas, peixes e tudo o que antes não tinha. Essa é verdadeiramente a água do Ganges.”

“Como poderei atingir a perfeição?”

O Mestre disse:

“Ainda não encontrei um homem que tivesse tanto ardor em se aperfeiçoar como paixão por uma mulher.”

Confúcio

O Mestre, disse:

“Aqueles que permanecem imutáveis são: os sábios do mais elevado grau e os imbecis de grau mais baixo.”

Confúcio

Nasrudin estava empoleirado numa escada com o fim de reparar uma parede dos seus aposentos.

Caiu desamparado, e teve de ser transportado para o leito, gritando de dor.

A mulher, tratou-o com todos os medicamentos possíveis, seguindo com rigor as indicações do médico, mas, mesmo assim, as melhoras não se faziam sentir.

Alguns amigos foram visitá-lo.

Um, disse:

“Tiveste muita sorte! Com tal queda poderias ter partido uma perna, deslocado a anca, ou mesmo ter morrido.”

Outro, dizia:

“Realmente, poderia ter sido muito pior!”

E outro ainda:

“Tem paciência, há quem sofra muito mais do que tu.”

Nasrudin, inundado de dores, gritou quase em desespero:

“Saíam imediatamente. Ponham-se na rua, bando de incapazes e de ignorantes. Mulher, aqui não entra mais ninguém, a menos que alguma vez tenha caído de uma escada.”

Entre o Deus Krishna e a sua amante Radha, há uma ligação amorosa que nunca nenhum mortal experimentou e que não pode ser expressa por palavras, tal a sua subtileza e intensidade.

Um dia, Radha, passeava-se pelos campos floridos de um vale, quando encontrou duas pastoras a apascentarem os seus rebanhos.

Radha não se conteve, e disse:

“Ó pastoras, como é belo e luminoso o dia. Os meus sentimentos são tão fortes, tão vigorosos, que não consigo deixar de ver Krishna, seja onde for.”

Uma das pastoras disse:

“Ouve Radha, certamente puseste nos teus belos olhos o colírio do amor. Assim, não estranhamos que vejas o teu amado Krishna em todo e qualquer lugar, em todas as coisas e seres.”

“Mestre, o que é a liberdade de escolha?”

Confúcio respondeu:

“A vantagem de uma residência é o bem que nela se encontra. Aquele que tem liberdade de escolher, mas não escolhe um lugar de bem, poderá ser considerado sábio?”

O Mestre disse:

“Se um homem não se questionar a si próprio com constância: Como farei? Como farei?, nada poderei fazer por ele.”

Confúcio

Um ladrão indiano entrou em magnificente propriedade vedada, com o intuito de se introduzir na mansão para furtar.

Mas, mal saltou o muro, os cães do proprietário rodearam-no, ladrando de modo feroz, ameaçando despedaçá-lo.

Lembrou-se das palavras de um seu antigo mestre da arte, e vendo um monte de cinzas, espalhou-as pelo corpo e sentou-se imóvel, em estado similar ao de meditação.

Alertados pelos cães de guarda, os possuidores da casa apareceram acompanhados dos seus servos, espantando-se com a presença de tal homem.

O dono, disse:

“Este é sem dúvida um homem santo, a quem os cães nem ousaram tocar e se mantém impassível meditando. É uma grande honra o facto de ter escolhido a nossa humilde casa.”

Quando o “santo ladrão” partiu, cobriram-no de presentes e pediram-lhe com reverência que intercedesse por eles junto dos deuses.

Ao partir, o ladrão pensou:

“Se por imitar a santidade fui assim tratado, recebendo tantos e tão valiosos presentes, talvez persistindo em verdade venha a receber a presença do próprio Deus.”

Um discípulo perguntou ao Mestre:

“Como se devem servir os espíritos?”

O Mestre disse:

“Tu não sabes como se devem servir os vivos e já demandas como se devem servir os espíritos?”

O discípulo replicou:

“Tomo a liberdade de vos interrogar acerca da morte. É algo que me intriga e enche de dúvidas angustiantes.”

O Mestre, disse:

“Tu ainda não conheces a vida e desejas saber o que é a morte?”

Confúcio

O Mestre disse:

“Outrora os homens estudavam para melhorar o seu carácter e a sua vida. Hoje, estudam para serem considerados.”

Confúcio

Um homem que possuía alguns macacos, disse-lhes:

“Vou dar-vos três bolotas pela manhã e quatro à noite.”

Com isto, os macacos ficaram muito furiosos.

Então, o homem disse:

“E que tal quatro pela manhã e três à noite?”

Os macacos ficaram felizes.

Chuang Tse

“Mestre, é lícito buscar riqueza e honrarias?”

Confúcio respondeu:

“A riqueza e as honras, eis o que um homem procura.

Mas, se não as puder alcançar honestamente, que renuncie a elas.

A pobreza e a humilhação, eis o que um homem abomina; mas, se não as puder afastar ou dominar com honestidade, deve suportá-las, esse é o seu dever.

Um homem de bem que se afasta do bem deixa de ser nobre. Um homem nobre não abandona o bem nem sequer pelo tempo de uma refeição; mesmo em período de tormenta e em caso de aniquilação eminente.”

O Senhor Buda, disse:

“Estando sujeito ao nascimento, à velhice, à doença, à morte, ao sofrimento e às impurezas, vendo o perigo na submissão a estas coisas e buscando o não-nascimento, a não-velhice, a não-doença, a não-morte, o não-sofrimento, a não-impureza, a suprema cessação da sujeição, o nirvana, acabei por o atingir.

Tenho dentro de mim o conhecimento e a visão: a minha libertação é definitiva. Este é o meu último nascimento. Deixou de existir devir para mim.”

O Chefe Ki Wen ponderava antes de agir, três vezes todos os seus actos.

Sabendo-o, disse Confúcio:

“Duas vezes devem bastar.”

Confúcio disse:

“Nada há a fazer! Foi em vão que por toda a parte busquei um homem que reconheça os seus defeitos e que se declare culpado.”

No alto de um minarete, um sacerdote muçulmano chamava o povo para a oração.

Tal era o vigor e entusiasmo com que o fazia, deslumbrado com as suas próprias palavras, que se desequilibra caindo bem em cima de um sufi que por mero acaso ali passava.

O sufi teve de ser submetido a rigoroso tratamento no hospital da cidade, prevendo os médicos uma convalescença prolongada.

Os seus discípulos foram visitá-lo, e um deles, com carinho e reverência, questionou-o:

“Mestre, habituámo-nos a ver-te tirar benefício de tudo o que na vida te tem acontecido. Diz-nos então, a que conclusão chegais?”

“Bom”, respondeu o sufi com a calma e paciência que lhe eram peculiares, “por via deste facto podeis ter a certeza de que a lei do karma é de todo errónea e enganadora. Segundo essa lei, a causa produz o efeito, quem semeia colhe o que semeou. Não obstante, foi o sacerdote quem semeou e fui eu o que colheu.”

“Mestre, conheceis alguém cujas qualidades superem a do comum dos mortais?”

Confúcio respondeu:

“Que qualidades sublimes as de Yen Huei!

Ninguém como ele se contenta com tão pouco: arroz e água, e em pequenas quantidades, o essencial à sobrevivência. Habita numa ruela sórdida e estreita.

Outros não suportariam esta vida de miséria; mas ele está sempre contente com a sua sorte! Que carácter extraordinário!”

Algumas crianças brincam junto ao rio. Fazem castelos de areia e cada uma delas defende o seu, dizendo:

“É meu!”

Mantêm os castelos bem separados e não admitem quaisquer erros quanto ao objecto da propriedade; não admitem enganar sobre os seus donos.

Quando todos os castelos estão acabados, uma criança dá um pontapé no castelo do vizinho e desmorona-o na totalidade. O dono do castelo fica enraivecido, furioso, puxa-lhe os cabelos, esmurra-a e diz abruptamente:

“Ele destruiu o meu lindo castelo! Venham, auxiliem-me. Venham todos auxiliar-me a dar-lhe a merecida punição.

Todos vêm ajudá-lo. Batem na criança com um pau, e quando cai ao chão, dão-lhe pontapés. Depois continuam a brincar com os seus castelos de areia, cada um dizendo:

“Este castelo é meu. Só meu. Afastem-se! Não toquem no meu castelo.”

Mas, a noite chega, o escuro cai sobre a terra silenciosa e todos querem retornar a casa. Agora já ninguém se importa com o seu castelo. Uma criança dá um pontapé no seu, outra, com as mãos vai-o desfazendo. Depois, voltando-lhes as costas, regressam a casa.

Perguntaram ao Sage quais as suas qualidades.

Respondeu:

“Escutar em silêncio, entregar-se à meditação, ser infatigável no estudo e incansável no ensino, eis as qualidades que julgo poder atribuir a mim próprio.”

Confúcio

O Mestre disse:

“Difícilmente nos poderemos entender com as mulheres e os homens do povo. Se te aproximares deles, tornam-se desrespeitadores. Se te afastares do seu convívio, ficam ressentidos.”

Confúcio

Marpa, que veio a ser Mestre de Milarepa, buscava incessantemente a iluminação.

Quando percorria um trilho de montanha, cruzou-se com um idoso curvado sob pesado braçado de lenha. Naquele momento intuiu, que aquele homem simples, tinha resposta para as suas mais profundas inquietações e, possivelmente quanto ao caminho correcto na direcção da libertação, pelo que o questionou:

“Diz-me Mestre, o que é a iluminação, como poderei atingir o despertar, o estado de liberto-vivo?”

O ancião estancou subitamente, olhou para Marpa com os seus olhos cansados e sem dizer uma única palavra atirou o fardo para o chão.

Marpa, disse:

“Acho que compreendi, finalmente compreendi o que é a iluminação. Mas, depois desta, o que é que há?”

Como resposta, o velho colocou o braçado de lenha às costas e continuou o seu caminho.

“Eis o que me aflige: Não melhorei as minhas qualidades, negligenciei uma parte do estudo, não consegui dirigir-me para o reino da justiça e nem sempre, conforme desejei, pude corrigir os meus defeitos.”

Confúcio

Tseu-Yeu disse:

“O ardor do luto deve chegar à dor e não mais.”

Confúcio

Dois mendigos bateram à porta de um rabino. O seu aspecto era miserável, denotando fome e sofrimento. Pediram-lhe por amor a Deus, que lhe desse algo para comer, já que há vários dias só haviam ingerido água e um pequeno pedaço de pão duro.

Disseram:

“Rabi, dá-nos algo para comer. Morremos de fome. Apenas temos este pequeno saco de trigo.”

O rabino, compassivo, sentou-os à mesa e alimentou-os condignamente, como a quaisquer outros convidados. Saciados, agradeceram reverencialmente e pediram para que lhes guardasse o pequeno saco de trigo, ao que este acedeu.

O tempo passava e os mendigos não voltavam. O rabi, pensou:

“Mais dia, menos dia, os ratos irão descobrir este trigo. Melhor será semeá-lo.”

Então, semeou-o e ceifou-o no tempo próprio. E assim fez, por vários anos, até que o celeiro já não comportava mais cereal.

Um dia, os mendigos voltaram mais esfomeados do que antes, pedindo comida. O rabi conduziu-os ao celeiro e mostrando-lhes o trigo amontoado, disse:

“Tomem posse da vossa riqueza.”

O Sage disse a Yen Yuan:

*“Se fores chamado, responde: eis-me aqui,
Senão procura esconder-te.”*

Esse é um grau ao qual só nós os dois tivemos acesso.

Tseu-lu, disse:

“Se vos confiassem o comando de um grande exército, quem escolheríeis como segundo comandante?”

O Sage disse:

“Eu não aceitaria o que sem armas defronta um tigre, nem o que atravessa um rio sem barca, nem o que se

precipita para um perigo mortal sem que o seu coração esteja angustiado.

Escolheria, sem dúvida, o que planeia a batalha com prudência e sopesa as suas possibilidades antes de passar à acção.”

O Iluminado, disse:

“Bahiya, debes treinar-te assim:

No que vês só deve haver o que vês.

No que ouves só deve haver o que ouves.

No que sentes só o que sentes.

No que imaginas só o que imaginas.

Assim, deixará de haver “consequentemente”. É deste modo que te debes treinar. E, Bahiya, quando no que vês só houver para ti o que vês, no que ouves só o que ouves, no que sentes só o que sentes, no que imaginas só o que imaginas, no cognoscível só o cognoscível, então, Bahiya, como não terás um “consequentemente”, também não terás um “em virtude de”. E como tu, Bahiya, não terás um “em virtude de”, seguir-se-á que não terás “aqui” ou “além” ou “a meio caminho”.

É apenas o fim do mal.”

Houve um grande banquete na casa do homem mais rico da aldeia, que também era reconhecido como um aplicado estudioso das Escrituras.

Começaram a ser servidos peixes magníficos.

O anfitrião disse:

“Graças aos desígnios de Deus, que criou os animais para o homem, podemos deliciar-nos com este manjar.”

O segundo prato era de carnes variadas. O anfitrião repetiu o que já havia afirmado anteriormente, com a plena anuência dos convivas.

No entanto, seu filho de dez anos, disse:

“Não posso concordar com nada do que o meu pai diz e todos vós aceitais. Não é verdade que Deus tenha criado os animais para nosso prazer. O que é que fazem os mosquitos? Não se alimentam do nosso sangue? E por isso, será que podemos dizer que fomos criados para os mosquitos?”

Uma vez, eu, Chuang Tse, sonhei que era uma borboleta esvoaçando alegremente por aqui e por ali, gozando a vida sem saber quem era. De repente, acordei, e era Chuang Tse.

Sonhou Chuang Tse que era uma borboleta, ou foi a borboleta que sonhou que era Chuang Tse?

Chuang Tse

Um grande amigo de Buda, tendo enviuvado, casou-se em segundas núpcias.

A sua serva mais antiga, não se conformava com o facto de ver a sua amada senhora substituída, recusando-se a aceitá-la, e em nada colaborando. Pensava assim, guardar o respeito devido à imagem da falecida, que tanto estimava.

Perante tal incómodo, e na impossibilidade moral de despedir uma serva a quem muito queria pela devoção que sempre havia tido para com a família que servia, pediu a Buda que a chamasse à razão, mas este nada conseguiu.

O Senhor Buda, disse ao amigo:

“Não consegui demover a tua serva, não quis ouvir as minhas palavras, os meus argumentos. No entanto, vou pedir a meu filho que a demova, estou certo de que o ouvirá.”

E, foi o jovem filho de Buda, que a convenceu a aceitar a segunda esposa.

O Mestre disse:

“Há nove casos aos quais um homem de bem está atento:

ao observar procura ver claro;

ao escutar procura ouvir bem;

ao tomar uma atitude, procura que seja afectuosa e amigável;

no seu comportamento, esforça-se por ser humilde e modesto;

ao falar, quer que as suas palavras sejam sinceras;

ao ocupar-se dos assuntos públicos, dedica-se-lhes;

se duvidar, procura interrogar;

ao zangar-se, pensa nas más consequências da cólera;

e ao encarar um benefício, julga-o do ponto de vista da justiça e da honestidade.

Confúcio

Perguntaram a Ying-an:

“O que é viver em conformidade com o Zen?”

Ying-an, respondeu:

“Viver no Zen é um atalho muito directo, que não exige o emprego do mínimo esforço para alcançar a iluminação e o conhecimento profundo do Zen, aqui e agora.”

Confúcio disse:

“Não faças a outrem o que detestas para ti.”

Um homem dominado pela angústia existencial foi visitar o Bem-Aventurado querendo obter resposta conclusiva para as dúvidas que o atormentavam, para as questões filosóficas que lhe assoberbavam o espírito, antes de se dedicar à prática do budismo.

Como resposta, Buda disse:

“É como se um homem tivesse sido ferido por uma seta envenenada e dissesse ao médico que o quer curar: - Não o deixo tirar a seta do meu corpo enquanto não souber a casta, idade, ocupação, lugar de nascimento e motivação da pessoa que me feriu.”

A mulher de Nasrudin incumbiu-o de ir ao mercado do vilarejo comprar uma dúzia de alfinetes.

Nasrudin, reflectiu um pouco e dirigiu-se à estrebaria, albardou o burro e partiu. Já no mercado, adquiriu os alfinetes e espetou-os um a um na albarda.

Chegado a casa, disse-lhe a esposa em tom de reprovação:

“Enlouqueceste, homem?! Levas um burro para carregar doze alfinetes? Para que servem as tuas vestes? Poderias muito simplesmente transportá-los nelas.”

Passados dias, um novo pedido da esposa:

“Nasrudin, não temos lenha. Vai comprar um braçado para o lume.”

Nasrudin partiu, desta vez sem burro, e retornou com as achas de lenha cozidas nas suas vestes, que, em consequência do peso suportado se desfaziam em rasgões sucessivos.

Ao contemplar o estado andrajoso do marido, bradou:

“O que é que se passa contigo? Perdeste o juízo? Vê em que estado estão as tuas vestes. Como é possível?”

Nasrudin, respondeu:

“Não foste tu, mulher, que afirmaste servirem as minhas vestes para carregarem as compras? Limitei-me a seguir o teu conselho.”

Uma mulher de costumes fáceis, apaixonou-se por Buda.

Certo dia, encontrou-o a meditar junto ao rio. Não conseguindo conter o seu ímpeto, despiu-se exibindo um corpo esplêndido, capaz de despertar desejos e arrebatadora paixão carnal em qualquer homem.

O Senhor Buda, perguntou:

“Desejas-me, mulher?”

“Desejo-te mais do que tudo, desejo-te ardentemente”, respondeu a mulher.

Buda, pegou-a ao colo e de imediato atirou-a para as águas geladas do rio. De tal modo, a excitação sexual da jovem extinguiu-se de imediato.

Quando esta saiu das águas, o Senhor Buda envolveu-a nas suas vestes, beijou-a compassivamente na testa e disse:

“Bem, agora vamos meditar juntos.”

Um jovem aproximou-se de Dahui e disse:

“Mestre, tudo farei para me tornar teu discípulo.”

“O quê, por exemplo?”

“Abandonarei os meus bens, a minha família, mortificarei as minhas paixões, serei comedido em todos os meus actos.”

“Tudo isso para nada”, respondeu Dahui.

“Como assim?!”

“Para alcançar a iluminação Zen não é necessário que abandones a vida familiar, que te despeças do emprego, te tornes vegetariano, pratiques o ascetismo ou te evadas para um lugar tranquilo, muito menos que o faças para ser meu discípulo”, disse Dahui.

Buda, tendo os monges reunidos junto a si, disse:
“Andai sobre a terra para benefício dos seres, para a felicidade dos seres, por compaixão pelo mundo, para o bem, para o benefício e para a felicidade dos deuses e dos homens.”

“Mestre, quem é digno de ensinar, quem é digno de usar o título de Mestre?”

Confúcio, disse:

“Aquele que estuda de novo o que já sabia, para daí retirar novas conclusões, é digno de ensinar.”

Um místico deslocava-se para uma montanha onde se iria encontrar com Deus.

No caminho encontrou um meditante, um santo homem, que recitava o Ram mantra. Interrompendo-o, disse-lhe:

“Vou visitar o meu Deus. Tens algo que lhe queiras dizer ou perguntar?”

“Pergunta-lhe, por favor, o número de vezes que terei de reencarnar até atingir a libertação. Já vivi três vidas.”

Adiante, no caminho, encontrou um iogue, que em êxtase dançava. Disse-lhe:

“Vou visitar o meu Deus. Tens algo que lhe queiras dizer ou perguntar?”

O iogue continuou a dançar extasiado e nada respondeu. Então, o místico, propôs-lhe a mesma pergunta que o primeiro homem santo havia formulado. O iogue, sem responder, sorriu, o que lhe deu indicações claras quanto ao seu assentimento.

Quando regressou do encontro com a divindade, encontrou o iogue que dançava. Disse-lhe:

“O Senhor meu Deus disse-me que te restam tantas vidas, quantas as folhas da árvore que tens do teu lado direito.”

“Maravilhoso, fantástico. Basta pensar em todas as árvores que existem neste bosque, nas que existem em todo o planeta, para verificar quão grande é a minha sorte, a benção que me está destinada.”

Dias após, o místico encontrou o meditante, que ansioso se aproximou.

O místico, disse:

“O Senhor meu Deus fez-me constar que te restam três vidas antes que possas alcançar a libertação.”

O meditante do Ram mantra, disse desanimado, exprimindo profunda frustração:

“Será que este sufoco nunca mais vai terminar?”

“Mestre, procuro concentrar-me no agora, libertar o meu espírito de todos os medos, principalmente do medo dos medos, do medo da morte. No entanto, a minha mente vagueia como um milhafre planando ao vento, e arrastame sempre para a angústia da extinção, do não-ser.”

Mestre Mazu, ficou impávido por alguns minutos, parecendo reflectir. Por fim, disse:

“Basta que não tenhas um só pensamento, e livrar-te-ás da raiz do nascimento e da morte.”

Nasrudin montava o seu jumento e levava pesado alforge nas suas costas.

Um amigo disse-lhe:

“Porque é que não pões como é normal, o alforge nos costados do jumento?”

Nasrudin, respondeu:

“Endoideceste! Já não basta que me carregue, ainda queres que o pobre animal carregue com o alforge?”

Gotami era seu nome, mas por se cansar com muita facilidade, chamavam-lhe Kisa Gotami ou Gotama, a Frágil. Havia nascido em Savathi no meio da pobreza. Cresceu, contraiu matrimônio e foi morar com o marido. Por ser de ascendência pobre, era tratada com desrespeito. No entanto, deu à luz um filho e a partir daí foi tratada respeitosamente. A criança faleceu quando já corria e brincava.

Um sofrimento atroz apossou-se da jovem mãe, que pensava: “Desde que o meu filho nasceu, eu, a quem todas as honras haviam sido recusadas nesta família, passei a ser respeitada. Agora, estou certa, irão querer tirar-me o filho”.

Com o filho morto ao colo, vagueou de porta em porta, pedindo um remédio. Algumas das pessoas, troçavam dela; uma mulher buscava incessantemente um remédio que curasse a morte.

Um sábio, tendo-a visto, pensou que o seu sofrimento lhe causara a perda da razão, e disse-lhe compassivamente:

“Mulher, ninguém para além do Sábio das Dez Forças, ser supremo no mundo dos homens, conhece o medicamento para que possas curar o teu filho. Vive num mosteiro aqui perto. Vai lá e pede que to dê.”

A mulher dirigiu-se ao mosteiro onde encontrou o Senhor Buda, e disse:

“Senhor, dá-me um remédio para que cure o meu filho.”

Buda entendeu de imediato, que aquela mulher simples e ignorante poderia ser convertida. Então, disse-lhe:

“Dá a volta a toda a cidade, começando pelo princípio, e logo que encontres uma casa onde ninguém tenha morrido, traz-me dessa casa algumas sementes de mostarda.”

Gotami, correu a cidade inteira com o filho morto nos braços. Em todas as casas se prontificaram a dar-lhe as sementes de mostarda, mas quando perguntava se ali alguém havia morrido, todos respondiam:

“Gotami, nem pensar, aqui muitos morreram.”

“É assim em toda a cidade, em todas as cidades, países. Buda com a sua compaixão demonstrou-mo”, pensou. Saiu de imediato da cidade e conduziu o filho para a pilha crematória, dizendo:
“Filhinho, pensei que apenas tu tinhas sido atingido pela morte, mas afinal, é uma lei comum para todos nós, em todos os lugares.”

Depois de colocar o filho na pira, compôs os seguintes versos:

*Não é lei de aldeia nem de cidade,
Nem lei de uma única casa:
É a lei do mundo e dos mundos dos deuses
Que todas as coisas sejam impermanentes.*

Nasrudin passeava-se quando uma montra lhe chamou a atenção. Era uma loja de fabrico de doces, uma confeitaria, e os bolos expostos eram absolutamente chamativos.

Não tendo conseguido resistir à tentação, entrou e começou a comer tudo o que lhe agradava.

O doceiro, estranhando tal gula e atitude, apresentou-lhe a conta, mas Nasrudin, que não tinha qualquer moeda, ignorou-o e continuou a deliciar-se com as guloseimas. Despeitado, o doceiro proprietário do estabelecimento muniu-se de um pau, começando a vergastar Nasrudin, que mesmo assim não se detinha.

Enquanto sofria as arrojadas, disse:

“Mas que cidade tão hospitaleira, que gente tão amável. Nada vi igual até ao dia de hoje. Aqui até nos obrigam a comer doces à paulada.”

O mestre Zen Baoche de Monte Mayu estava a abanar-se com um leque, quando um monge se aproximou dele e perguntou:

“Mestre, a natureza do vento é permanente e não há nenhum lugar que não alcance. Porque é que te abanas?”

Baoche, respondeu:

“Embora compreendas que a natureza do vento é permanente, não compreendes o significado de ele tudo alcançar.”

“Qual é o significado de tudo alcançar?”, perguntou de novo o monge.

O mestre continuou simplesmente a abanar-se. O monge inclinou-se profunda e reverencialmente.

O discípulo preferido do Mestre demonstrou intenção de viajar.

O Mestre, disse:

“Sê fiel à tua palavra, ama o estudo, consagra-te ao caminho recto e prepara-te para que por ele te sacrifiques.

Não te dirijas para um país que ameace ruína e não residas onde reina a anarquia.

Se a justiça triunfar no mundo, dignifica-te; se a justiça estiver ausente, dissimula-te.

Se fores pobre e desdenhado num Estado onde reina a justiça, que vergonha! Se fores rico e honrado num Estado onde não haja justiça, que vergonha!”

Confúcio

Numa vila próxima da de Nasrudin, havia uma famosa feira de burros. Os camponeses das redondezas acorriam na expectativa de fazer um bom negócio.

Numa tenda onde se juntavam para comer e beber, alguém disse:

“Venho há anos a esta feira. Nada muda, aqui só há burros e camponeses, nada mais para além disso.”

Nasrudin saiu da tenda e num aglomerado que examinava um belo exemplar de burro à venda, descortinou um homem, que pelas suas vestes não parecia agricultor ou camponês.

Perguntou-lhe:

“És camponês?”

“Não, não sou”, respondeu o homem.

Nasrudin, disse em tom irónico:

“Está tudo dito, não me digas mais nada...”

Perguntou o discípulo ao Mestre:

“Qual foi o teu caminho para a Verdade, para o Absoluto?”

“Quando como, como; quando repouso, repouso”, respondeu o Mestre.

“Mas, Mestre, isso todos nós fazemos, mesmo os que na vida não têm aspirações para além das que os bens materiais alimentam.”

“Não, não é como dizes. Essa gente de que falas, quando come tem o seu espírito absorvido por múltiplas questões, por futilidades, e quando dorme, vagueiam no seu cérebro universos imaginários. Por isso, quando comem não se limitam a comer e quando dormem não se limitam a dormir.

Eu, quando estou a comer, estou realmente a comer e quando durmo estou realmente a dormir.

É esse o meu caminho para a Verdade”, finalizou o Mestre.

Buda terá dito:

“Tal como no fundo do oceano não existem vagas, mas uma grande imobilidade, também o praticante deveria estar imóvel, inabalável e nunca agitado pelas vagas interiores.”

Disse Confúcio:

“Aos quinze anos apliquei-me ao estudo; aos trinta, a minha opinião estava formada; aos quarenta, já não tinha dúvidas; aos cinquenta, compreendia tudo o que ouvia; aos setenta, pude seguir os desejos do meu coração sem transgredir regra alguma.”

O discípulo perguntou:

“Qual dos dois é o mais venerável? Che ou Chang?”

O Mestre, disse :

“Che ultrapassa a justa medida e Chang não se aproxima dela.”

Volveu o discípulo:

“Deve, então, preferir-se Che?”

O Mestre, respondeu:

“Ultrapassar não é um defeito menor que não chegar.”

Confúcio

Dois jovens estudantes abordaram Lingi, lamentando-se. Há mais de cinco anos vagueavam pelo país, buscando o ensinamento de reconhecidos mestres, mas a cada dia a confusão mental e doutrinária aumentava. Se no início não tinham quaisquer certezas, agora estavam perplexos e desorientados.

Lingi sorriu amavelmente, e disse:

“É da maior urgência que procureis a percepção e compreensão reais e verdadeiras, para que possais estar livres no mundo e não serdes confundidos por espiritualistas vulgares”, respondeu.

Já não era a primeira vez. Nasrudin acabara de perder o seu burro. No mercado a todos solicitava auxílio na busca do asno. Tudo faria para encontrar um companheiro tão dedicado.

“A quem encontrar o meu querido burrico, oferecer-lhe-ei a albarda, os arreios e o próprio burro”, disse.

Alguém lhe perguntou estupefacto:

“Não te entendo. Afadigas-te tanto para encontrar animal a quem dedicas tanta estima, para logo depois o ofereceres como recompensa...”

Nasrudin, explicou-se:

“Tenho a certeza que me entenderás. Qual é o homem que não conhece um imenso prazer no momento em que reencontra algo ou alguém que perdeu e por quem tem uma enorme afeição?”

Fenyang estava sentado à sombra de frondosa árvore no jardim da praça central da cidade. Junto dele, alguns discípulos. Transeuntes movimentavam-se ansiosa e apressadamente, enquanto outros, se detinham nas lojas, vasculhando com o olhar os artigos expostos.

Perto dele, dois homens sentados na relva queixavam-se da crise e dos seus negócios. Duas senhoras que passavam, exaltavam as actividades profissionais dos esposos, e uma referia-se orgulhosamente ao seu vestido novo, modelo de colecção único, com desenho exclusivo de um dos mestres costureiros mais afamados da cidade.

Fenyang, com os olhos poisados em duas nuvens no céu azul, falou sem direcção:

“As pessoas seguem arbitrariamente os sentidos materiais, correndo como asnos.

Quando é que ireis, alguma vez, parar de competir?

Antes que deis conta, o cenário da Primavera transformou-se em Outono. As folhas caem, os gansos migram, a geada torna-se gradualmente mais fria.

Vestidos e calçados, que mais procurais?”

Certo dia, Buda prontificou-se a instruir os monges, dizendo:

“Se alguém exterior à comunidade falar contra mim, contra o ensinamento ou contra a comunidade, não se aborreçam, pois isso é um verdadeiro antídoto contra a vossa presunção.

Do mesmo modo, não se deixem perturbar pelos elogios. Devem distinguir a verdade da mentira e tomarem conhecimento do facto em si. Mesmo os elogios que os homens não convertidos fazem de mim, têm muito pouca importância.

Se alguém se dispuser a admoestar outrem, deve possuir cinco qualidades para que o possa fazer:

Falar no momento adequado e não fora de propósito.

Falar com verdade, sem recurso a quaisquer falsidades.

Falar com doçura e sem aspereza.

Falar para seu bem, e não para seu mal.

Falar com boa intenção e sem cólera.”

Raiava a aurora. A porta do templo estava completamente aberta para a oração da manhã.

O templo tinha uma particularidade interessante: todas as paredes estavam cobertas com espelhos. Por outro lado, no centro, em pequena jarra, uma rosa lindíssima colhida nessa mesma madrugada. A rosa reflectia-se em praticamente todos os espelhos.

Uma pomba entrou pela porta, e no interior do templo, em completa desorientação, vendo a rosa reflectida, lançava-se obstinadamente contra os espelhos, na ilusão de voar para o exterior do local onde inadvertidamente havia entrado.

Os choques múltiplos, de extrema violência, fizeram com que contraísse inúmeros traumatismos, acabando por se finar junto da rosa verdadeira.

Um homem questionou Nasrudin:

“Diz-me Nasrudin, quando fazes as tuas abluções no rio, como procedes?”

Nasrudin, respondeu:

“Simples, tiro a roupa e mergulho.”

“Mas, mesmo dentro de água voltas-te na direcção de Meca, não é assim?”

Nasrudin pestanejou, coçou a cabeça, e disse:

“Pode acontecer, pode acontecer... Mas, em regra, virome para o local da margem onde depositei as roupas, não vá algum ladrão levar-mas.”

O Venerável Ananda aproximou-se do Senhor Buda, prosternou-se e sentou-se ao seu lado. Depois de sentado, Ananda disse a Buda:

“Parte desta vida santa, Senhor, consiste em termos amigos nobres, companheiros de bem e em nos associarmos com os bons.”

“Não digas isso, Ananda. Não digas isso. Toda a vida santa consiste nesta amizade, neste companheirismo, nesta associação com os bons.”

“Mestre, se cumprir o que foi dito pelos Antigos, se respeitar as trezentas odes do *Livro das Odes*, poderei ser considerado um homem justo?”

Confúcio, respondeu:

“Há efectivamente trezentas odes no *Livro das Odes*, mas uma única frase pode resumi-las todas: que não sintas o menor desejo de pecar.”

Um homem estava deitado na berma de um caminho. Estava coberto de pó.

Passou um salteador e disse:

“Provavelmente é um colega de profissão. Será melhor desaparecer daqui rapidamente, antes que a polícia chegue, e acabe também por me prender a mim.”

Pouco depois, um bêbado, inebriado, rodopiando e cambaleando, acercou-se do homem estendido na berma, e olhando demoradamente como quem não entende mas finge perceber, disse:

“Vês o que acontece a quem bebe demais? Para a próxima bebe menos.”

Por último, acercou-se dele um iogue:

“Este homem está em transe. Vislumbro um êxtase celestial. Vou meditar junto dele.”

Perguntaram a Wuzu:

“Como é que te tornaste num Mestre Zen?”

Wuzu, respondeu:

“Para ser um Mestre Zen é imperativo desviar do seu caminho o boi do lavrador, e roubar a comida do homem esfomeado.”

“Não entendo.”

“Quando desviores do seu caminho o boi do lavrador, isso faz com que as suas culturas sejam abundantes.

Quando roubares a comida ao homem esfomeado, isso liberta-te da fome para sempre.”

Um homem enterra um tesouro num poço profundo, e pensa:

“Ser-me-á útil em tempos mais difíceis, se o rei ficar de mal comigo, se for roubado, se tiver dúvidas, se a comida faltar ou se a má sorte vier.”

Mas, esse tesouro pode nunca chegar a beneficiar o seu proprietário, se ele se tiver esquecido onde o enterrou, se os salteadores lho levarem, ou se inimigos ou até parentes lho tomem, enquanto distraído. Mas, graças à caridade, à bondade, à moderação e ao controlo de si próprios, os homens e as mulheres podem acumular um tesouro secreto, que não pode ser dado a outros e que os ladrões não podem roubar. Uma pessoa sábia pratica o bem e possui um tesouro que nunca perde.

O Mestre disse:

“Quem não escutará as palavras de uma admoestação? Contudo, o essencial não reside nessas palavras, mas no seu poder de melhorarem a conduta de um homem.

Quem não se alegra quando escuta uma parábola? Contudo, o essencial não está nas parábolas, mas nos preceitos morais que lhe são inerentes e que estão parcialmente escondidos.

Nada há a fazer com o que escuta, mas não muda de conduta, nem com o que se alegra, mas não se torna melhor.”

Nasrudin dispôs-se a realizar longa viagem para visitar um amigo que não via há anos.

Preparou uma espécie de pequena mochila, que teria de ser carregada às costas e munuiu-se de um sabre e de uma lança.

Durante o percurso, foi açoitado por um salteador, que com um simples arco o subjugou, deixando-o sem quaisquer dos bens que transportava, incluindo a própria camisa.

Chegado à cidade donde partira sem cumprir o objectivo determinado, contou aos presentes a desgraça que lhe havia acontecido, sem omitir qualquer pormenor.

Um dos presentes não se conteve:

“Nasrudin, como é que um homem armado de sabre e lança se deixou maniatar por um ladrão armado com um simples garrote?”

Nasrudin, respondeu convicto:

“Há aqui um problema que não estás a considerar e que é absolutamente determinante, meu bom amigo. Se eu tinha as duas mãos ocupadas, a direita com o sabre e a esquerda com a lança, diz-me tu como poderia eu servir-me delas?”

Uma mulher visitou Swami Ramdas, pedindo:

“O meu Mestre aconselhou-me a que o visitasse. Ensinou-me um mantra, mas eu preferia que fosse o senhor a ensinar-me um outro.”

Ramdas, perguntou:

“Diz-me qual foi o mantra que te foi ensinado?”

“*Om mani padme hum*”, respondeu.

“E o teu Mestre quer que te ensine um outro?”

“Sim, considera que o senhor poderá ensinar-me um que tenha maior correspondência e afinidade com o meu carácter e com o caminho que me propus percorrer.”

Ramdas, concentrado, disse:

“A partir de agora, este é o teu novo mantra:

Om mani padme hum.

O Mestre não falava do ganho, da perda, do destino ou do bem, senão muito raramente.

Confúcio

“Como poderei conhecer verdadeiramente o homem?”

Confúcio respondeu:

“Observa as intenções do homem e os motivos das suas acções; examina o que lhe dá prazer. Poderá ele esconder o que é?”

Houve em tempos uma cidade sitiada, estando no castelo mais de meio milhar de pessoas.

Havia meses que o exército inimigo a cercava, procurando a rendição por via da carência de bens essenciais.

Para alimentar tantas almas, restava apenas um vitelo.

Os sitiados dirigiram-se ao alcaide suplicando-lhe a rendição, posto que, se o não fizesse todos estariam votados à morte pela fome.

O alcaide não lhes deu ouvidos, e ordenou perante a estupefacção geral, que o vitelo fosse arremessado para a linha da frente das tropas inimigas.

Quando o animal caiu, o general disse para os seus adjuntos:

“Não vale a pena continuar o cerco. Estamos a desgastar-nos. Se se desfazem assim de um vitelo, qual não será a quantidade das suas provisões?”

Um rabino entusiasmado corria pelas ruas, gritando a plenos pulmões:

“Tenho respostas! Tenho respostas!”

E, continuava:

“Quem tem perguntas? Quem tem perguntas?”

“Tseu-Yeu, perguntou:

“Mestre, que é a piedade filial?”

Confúcio respondeu:

“Nos nossos dias não temos em matéria de piedade filial, senão o cuidado de alimentar os pais. Mas, os cães e os cavalos também são alimentados. No momento em que os não veneramos condignamente, em que é que estes ultrapassam o respeito que dedicamos aos animais?”

Um homem dirigia-se precipitadamente para uma localidade onde esperava realizar um bom negócio. Caminhava apressadamente pela margem de um rio; haviam-lhe dito que um dois quilómetros a montante, o conseguiria atravessar a vau.

No entanto, a pressa dominava-o. Começou a construir uma jangada, o que lhe tomou mais de três horas.

Utilizando-a, atravessou para a outra margem.

Aí chegado o seu espírito começou a debater-se com um dilema: “Demorei cerca de três horas a construir esta jangada. Devo ou não abandoná-la?”

Decidiu carregá-la. A jornada era cada vez mais penosa. O peso parecia amplificar gradualmente e o seu esforço era imenso. O trajecto tornou-se insustentável e o tempo amplificou-se.

Um iogue indiano não conseguia, malgrado todos os seus esforços, entrar em contacto com a divindade.

Assolado pelo desespero, jurou:

“Senhor Deus, caso não te manifestes nos próximos três dias, juro por tudo o que de mais sagrado é, que sois Vós, que não comerei nem um pedaço de pão.”

Durante os três dias seguintes, o religioso viu uma mendiga, um louco e um cão vadio escanzelado.

No quarto dia, apareceu-lhe então a divindade, tendo o iogue dito:

“Finalmente Senhor, visitaste-me.”

“Enganas-te criatura, Visitei-te antes, por três vezes, e não me reconheceste. Eu era a mendiga, o louco, o cão vadio.”

Perguntaram a Confúcio:

Quais as qualidades que reconheces a um homem de bem?”

Confúcio respondeu:

“Um homem nobre nunca prega o que ele mesmo não cumpre. Em primeiro lugar faz, depois prega. Um homem de bem é objectivo e não é parcial. Um homem vulgar é sempre parcial; não vê senão uma face do problema.”

Ao sábio que tudo vê, que vê o bem e o que é bom por natureza, formulei a seguinte pergunta:

“Como pode alguém olhar o mundo e não ser visto pelo senhor da morte?”

“Olha o mundo como vazio, Mogharagan e está sempre desperto”, disse o Senhor Buda. Continuou: “Tendo destruído a visão do eu como tendo existência real, pode

ultrapassar-se a morte. O senhor da morte não verá a pessoa que olha assim o mundo.”

Um Mestre do Talmude teve a visão do Profeta Elias. Aproveitando tal ensejo, questionou-o:
“Quando virás tu anunciar a Libertação?”
“Será hoje mesmo, se escutares a Sua voz”, respondeu Elias.

Confúcio disse:
“Um homem nobre que age de modo estouvado não é respeitado e podemos dizer que os seus estudos são vãos.
Aprecia acima de tudo a fidelidade e a honestidade.
Não traves amizade com um homem que não é como tu.
Se cometeres um erro, não hesites em mudar de conduta.”

“Mestre, a quem aceitas como discípulo?”
Confúcio, respondeu:
“Se alguém não é ávido por aprender, não lhe ensino nada.
Se não ama o estudo, nada lhe ensino, nada lhe explico.
Se eu descubro uma ponta do problema e ele não é capaz de me mostrar as três pontas restantes, não o ensino mais.”

Yuanwu era insistentemente confrontado com a questão da iluminação. Todos os seus discípulos insistiam para que lhes revelasse o segredo, lhes desvendasse o mistério.

Quando se dispôs a quebrar o silêncio, disse:

“É necessário que vos desapegueis quer da rejeição quer do apego, quer do ser quer do não-ser, para que estejais sem fardos, completamente tranquilos, vazios e serenos, calmos e em paz.”

“Como conseguiremos libertar-nos do ser e do não-ser simultaneamente? Será isso possível?”, volveram.

“Deixem que vos desvende o mistério, que vos ensine o espinhoso caminho da libertação: - vinte e quatro horas por dia, estai atentos ao lugar onde estais e ao que fazeis”, disse Yuanwu.

“Mestre, o que é a aceitação da adversidade?”

Confúcio, disse:

“Aquele que se contenta com arroz e legumes para a sua refeição, com água como bebida, e o braço para almofada da cabeça, encontrará alegria em todas as coisas, mesmo no que denominamos má-sorte.

As riquezas e as honras indevidamente obtidas mais não são do que uma nuvem que passa velozmente movida por fortes ventos.”

Havia na Índia um templo, cuja administração era entregue rotativa e mensalmente a um grupo de monges mais velhos.

O que administrava, juntava as esmolas recebidas dos fieis, e converti-as numa moeda de ouro que depositava num cofre, tradição cumprida durante muitas gerações.

Um dia, um dos monges em exercício de administração, pensou:

“Não há quem veja o que coloco no cofre. Desta vez, depositarei uma moeda de cobre e arrecadarei a diferença.”

Assim o pensou, assim o fez.

Alguns anos após, o cofre foi aberto para se fazer a contagem das moedas de ouro, mas para espanto geral, a maior parte era de cobre...

“Mestre, perguntam-me o que é na realidade um sábio. A minha ignorância não me permite responder. Por um lado, parece que uma frase bastaria para o definir, depois, o espírito espraia-se em centenas de dissertações, que julgo inúteis e que preencheriam um livro imenso.”

O Sage, disse:

“É um homem que tem uma tal sede de aprender, que se esquece de comer; a sua vontade é férrea e esquece-se de dormir; deleita-se tanto no estudo que as suas tristezas desaparecem e não se preocupa em momento algum com a velhice que se aproxima. Nem uma palavra mais.”

Confúcio

Mi-an, disse:

“O atalho do Zen é deixar o presente e experimentar directamente o estado anterior ao nascimento, anterior à divisão da totalidade.”

O Mestre disse a um dos seus discípulos:

“Tomas-me provavelmente por um homem que estuda e assimila muitas coisas?”

O discípulo respondeu:

“E não é isso?”

O Mestre respondeu:

“De modo nenhum, bom jovem, eu possuo algo único pelo qual tudo se explica.”

Confúcio

Estando Nasrudin em casa, sentiu leves ruídos e apercebeu-se da presença de um ladrão que havia entrado furtivamente.

Escondeu-se num recanto. O salteador foi carregando tudo o que se lhe apresentava pela frente e que tivesse algum valor. Findo o acto de pilhagem, Nasrudin seguiu-o até à sua casa, bateu à porta e com educação, disse:

“Agradeço-te que tenhas transportado todos os meus bens. Fizeste com que libertassem espaço na minha humilde residência, onde tanto eu quanto a minha família vivíamos angustiados com tal aglomeração e consequente falta de espaço. A tua casa é muito mais ampla e agradável que a de nossa família. Assim, poderemos viver todos nesta tua residência. Não sei como te hei-de agradecer. Vou de imediato buscar minha mulher e meus filhos para que também eles possam usufruir da tua hospitalidade.”

O larápio inquietou-se perante tal ideia, e balbuciando disse:

“Leva tudo. Carrega tudo de novo e fica com a tua família e com todos os vossos problemas.”

O Mestre disse:

“É só com a chegada do Inverno que nos apercebemos que o pinheiro e o cipreste são os últimos a perderem a verdura.”

Confúcio

“Qual é o segredo da tua tranquilidade?”, perguntou um discípulo a Chuang Tse.

Este, respondeu:

“Fico sentado e esqueço.”

“Que queres com isso dizer, Mestre?”

“Não estou ligado ao corpo e desisto de qualquer intenção de conhecer. Libertando-me do corpo e da mente, torno-me Um com o infinito. É isso que quer dizer ficar sentado e esquecer.”

“Qual deve ser o comportamento do homem de bem?”

O Mestre, disse:

“É forte, mas não despreza os fracos, pedindo-lhes inclusivamente conselho.

É bem dotado intelectualmente, mas consulta o que é pouco dotado.

Possui boas qualidades, mas parece não as ter.

Está cheio e completo, mas parece estar vazio.

Tem a aparência de quem é sempre ofendido, mas que nunca ofende.

Este era o comportamento de um dos meus antigos amigos.”

Confúcio

O Buda disse:

“Estou livre do ódio, livre da rebeldia. Fiz uma jangada perfeita; passei para o nirvana, cheguei à outra margem, venci a corrente; já não preciso da jangada.

O meu espírito é obediente, livre de preocupações mundanas; foi bem educado e bem subjugado, não há mais mal em mim.

Não sou servo de ninguém; com o que ganhei viajo pelo mundo inteiro, sem depender de quem quer que seja, de ninguém.”

Quando o Mestre estava gravemente doente, o senhor Meng King foi vê-lo.

O Mestre tomou a palavra e disse:

“Quando um pássaro vai morrer, o seu canto torna-se lânguido; está um homem para morrer e as suas palavras são suaves.

O caminho recto engloba três pressupostos que um homem nobre deve apreciar acima de tudo:

As suas maneiras e atitudes não devem indiciar orgulho e violência;

A sua atitude e o seu coração devem estar de acordo;

A forma de se exprimir e a entoação da sua voz, nunca devem ser grosseiras.”

Confúcio

Um grupo de crianças brincava na praia com gaiivotas. Era uma delícia observar como sem medo, elas pousavam nos seus ombros, braços e mãos. Uma ou outra, aterrava nas suas pequenas cabeças e amorosamente bicavam-nas com leveza, como quem beija.

O pai de uma delas, tendo conhecimento do ocorrido, disse-lhes:

“Sei que brincastes com gaivotas. Tragam algumas para que também eu possa brincar.”

No dia seguinte, pela manhã, os petizes dirigiram-se à praia, mas nenhuma se aproximou.

Enquanto esperava que o Mestre chegasse, Yuan Jang estava sentado de braços caídos e pernas afastadas.

Ao vê-lo, o Mestre disse:

“Aquele que na sua adolescência não respeita as grandes almas para nada serve quando se torna homem.

Aquele que vive e envelhece sem fazer nada, torna-se num fardo morto para a sociedade.”

Nisto, deu-lhe uma bastonada na coxa.

O príncipe Ngai perguntou a Tsai Ngo:

“Como se constróem altares à terra?”

Tsai Ngo, respondeu:

“Os reis da casa Hia plantavam pinheiros perto dos seus altares. Os Yin plantavam ciprestes e os Tcheu castanheiros para que o povo tremesse de medo.”

Confúcio, então, disse:

“Não discutamos o que já está feito, não censuremos o que está acabado e não condenemos o que pertence ao passado.”

Um sufi cuja sabedoria era pacificamente reconhecida na região, disse a Nasrudin:

“Caso encontres a verdade, agarra-a e não hesites, atira-a para o fundo de um poço.”

Decorrido algum tempo, num trilho de campos cultivados, encontrou Nasrudin uma mulher cega que reclamou o seu auxílio.

Nasrudin dispôs-se a auxiliá-la, dando-lhe o braço e conduzindo-a ao seu destino.

A certa altura do trajecto, questionou-a:

“Há algum tempo que viajamos juntos e ainda não sei o seu nome. Qual é o seu nome nobre senhora?”

“Verdade”, respondeu a idosa.

A poucos metros, numa exploração agrícola encontrava-se um poço. Nasrudin não se fez esperar. Pegou-a ao colo e atirou-a para dentro dele.

O Mestre disse:

“É a educação e não o nascimento e a origem que faz com que as pessoas sejam diferentes.”

Confúcio

A mulher de Nasrudin acusou-o em tribunal de ater agredido.

Citado para comparecer em audiência de julgamento, preparou mentalmente as respostas:

“Se o juiz me perguntar se lhe bati, afirmarei peremptoriamente que não.

Se me perguntar se não lhe bati, responderei sem hesitações que sim.

Tão fácil quanto isto.”

Na audiência, o magistrado questiona-o:

“Senhor Nasrudin, o senhor deixou de bater na sua mulher?”

Nasrudin não esperava a pergunta. Confuso e surpreso, respondeu:

“Nãosim!”

O Mestre evitava quatro coisas: nunca permitia que a conclusão se antecipasse à reflexão; não agia arbitrariamente; nunca decidia aprioristicamente; não era pertinaz nem egoísta.

Confúcio

Nasrudin, instado pela mulher foi à floresta buscar lenha para o fogão. Depois de ter junto um bom braçado, colocou-o às costas atado com um nagalho e montou no jumento.

No caminho, os transeuntes riam-se de tal figura: um homem com lenha às costas, montado num asno. Asno sobre asno, pensavam.

Alguns diziam:

“Porque é que carregas nas tuas costas a lenha, quando a podias carregar no burro? De que te serve a cabeça, apenas para usar chapéu? Não pensas pobre homem?”

Nasrudin, agastado, respondeu:

“Como sois parcos de vista e lerdos de espírito. Não basta a este pobre animal que eu o monte, para que tenha ainda que suportar o peso da lenha. Poupo-o a um peso suplementar.”

Confúcio disse:

“Eis o que eu não suporto:

Um administrador de espírito curto;

Aquele que cumpre os ritos, mas não tem piedade;

Aquele que observa o luto, mas não sente pena alguma.

“Mestre, que devo buscar para atingir a perfeição? A minha mente vagueia na escuridão dos infernos e não vislumbro luz ao fundo do túnel.”

Chuang Tse, respondeu:

“Não procure a fama. Não faça planos. Não te absorvas em actividades. Não penses que sabes. Fica consciente de tudo o que é e vive no infinito. Vagueia onde não há caminho. Sê tudo o que o Céu te deu, mas age como se não tivesses recebido nada. Sê vazio, é tudo. A mente do homem perfeito é como um espelho. Não apanha nada. Não espera nada. Reflecte, mas não segura. Por isso, o homem perfeito pode agir sem esforço.”

Perguntaram a Confúcio:

“Poderemos prever o que irá ocorrer dentro de dez gerações?”

Confúcio respondeu:

“Os reis da dinastia dos Yin herdaram os costumes dos reis de Hia; e sabemos bem o que lhes fizeram crescer e o que suprimiram.

A dinastia dos Tcheu herdou os costumes dos Yin e sabemos o que lhes acrescentaram e suprimiram.

Podemos daí concluir como se irão comportar os herdeiros dos Tcheu, sejam eles quais forem, à distância de cem gerações.”

Nasrudin tinha um filho. Numa das muitas visitas que lhe fazia, disse a seu pai:

“Meu pai, esta noite tive um sonho extremamente agradável. Sonhei que me havias dado cem moedas de prata.”

Nasrudin, com ar pleno de circunspeção, disse:
“Tens sido um bom filho. Ninguém pode desejar mais, reconheço. Não tens vícios, és respeitador e sensato. Deste modo, fica em descanso que as cem moedas que te dei no sonho, são tuas, não te pedirei a restituição. Vai e compra com elas tudo o que te aprouver.”

Quando o Mestre caiu gravemente doente chamou os seus discípulos e disse-lhes:

“Descobri os meus pés e os meus braços, pois lê-se nas *Odes*:

*Horrorizado e a tremer,
Como se estivesse na borda de uma voragem profunda,
Como se apoiasse o pé sobre uma fina camada de gelo.*

Isso me basta, é tudo quanto me basta, meus filhos. Constato agora, que apesar de todos os perigos me preservei intacto até aqui.”

Alguém perguntou:

“Que significa a oferenda ao Primeiro Antepassado?”

Confúcio respondeu:

“Ignoro a resposta a dar a essa pergunta. Aquele que a conhecesse governaria o Império com tanta facilidade quanto a deste movimento – ao falar, estendia o seu dedo indicador da mão esquerda para a palma da mão direita.”

Certo dia, perguntaram a Nasrudin:

“Qual é a tua orelha esquerda?”

Nasrudin elevou o braço direito que passou por cima da cabeça e fez tocar na orelha, dizendo:

“É esta, está aqui.”

“Nasrudin, porque o mostras de forma tão insólita? Não seria mais fácil mostrar a orelha esquerda movimentando o braço e a mão esquerda?”

“Claro, certamente que sim, mas se o fizer como dizes deixarei de ser Nasrudin.”

“Mestre, conheces alguém que ame verdadeiramente a verdade ou que abomine verdadeiramente o vício?”

Confúcio respondeu:

“Nunca vi um homem que ame verdadeiramente a verdade ou que odeie verdadeiramente o vício.

Se alguém amar a virtude por nada a trocará.

Se detestar o vício, devotar-se-á à virtude a ponto de o vício nada poder contra ele.

Se se perguntar: haverá um homem, que durante um só dia empregue todas as suas forças para atingir a virtude, responderei: jamais vi um homem cujas forças não bastassem para isso. Mas, pode ser que um tal homem exista, mas nunca o encontrei.”

Um jovem judeu querendo iniciar a sua vida comercial, pediu ao pai que lhe desse os conselhos necessários ao almejado enriquecimento. Este, que estranhamente não tinha grande aptidão para negócios, remeteu-o a um amigo bastante rico para que o instrísse.

Na presença do comerciante rico, disse o jovem candidato:

“Peço-lhe mil perdões, mas poderá V.Ex.^a contar-me o segredo do seu êxito, ou seja, qual o exemplo que deverei seguir para obter fortuna?”

“Com prazer, meu jovem, por teu pai e por ti mesmo, filho desse meu grande amigo. Não é uma história curta, que se possa resumir em poucos minutos, por isso, senta-te.”

A noite prometia ser longa.

Após uma breve pausa, acrescentou:

“Vejo que não te preparas para tirar quaisquer notas. Assim sendo, apaguemos a luz. É supérfluo e desnecessário o gasto de electricidade.”

O jovem levantou-se e disse:

“Meu bom senhor, acabo de compreender a chave do vosso êxito. Tenho todas as respostas. Assim, se me permitis, ausentar-me-ei.”

Tsai Yu tinha o costume de dormir durante o dia.

O mestre disse:

“Para que serve esculpir madeira apodrecida? Para que serve repreender Yu?”

Outrora eu ouvia as palavras dos homens e acreditava nas suas promessas. Agora, não me contentam, mas presto atenção às suas acções.

Foi Yu que me fez mudar.”

Confúcio

Nasrudin passeava com o seu filho no parque municipal, quando se deparam com um ovo no chão, junto de plantas arbustivas rasteiras.

Perguntou a criança:

“Pai, como é que os pássaros entram no ovo?”

Nasrudin confuso, disse:

“Durante toda a minha vida me questioneei quanto ao facto dos pássaros saírem dos ovos, e agora vens tu gerar mais um problema na minha mente.”

Certo dia, Yen Yuan e Tseu-lu estavam junto do Mestre, que lhes disse:

“Que cada um de vós exponha os seus desejos mais ardentes.”

Tseu-lu disse:

“Gostaria de ter carros, cavalos e peliças para partilhar com os meus amigos. E mesmo que eles me tornassem tais objectos impróprios para uso não ficaria desgostoso ou despeitado.”

Yen-Yuan disse:

“O meu ideal é nunca me vangloriar das qualidades que me são atribuídas e nunca tornar públicas as boas acções que pratico.”

Tseu-lu disse:

“E a este propósito, eu desejaria muito saber quais seriam os desejos do Mestre?”

O Mestre disse:

“Eis o que eu desejo para mim: que eu poupe de preocupações os velhos; que seja fiel aos meus amigos; e que possa tratar com simpatia e afeição os jovens.”

Confúcio

Na Rússia, um judeu caiu a um rio e debatia-se nas águas atabalhoadamente, por não saber nadar. Entretanto, gritava para que o acudissem.

Alguns soldados do czar ouviram o seu pedido de socorro.

Um deles, perguntou-lhe:

“És judeu?”

“Sou”, respondeu o homem em aflição mortal.

“Então bem mereces afogar-te!”

O judeu bradou:

“Abaixo o czar, abaixo o czar!”

De imediato um dos soldados atirou-se às águas, salvando-o. Já em terra firme, foi-lhe dada voz de prisão por ofensa ao regime e ao seu mais elevado representante.

“Mestre, mostra-me o caminho correcto.”

O Mestre disse:

“A deferência que ultrapassa a medida degenera em trabalho árduo.

A prudência que ultrapassa a medida degenera em cobardia.

A fortaleza que ultrapassa a medida degenera em insubmissão.

A franqueza que ultrapassa a medida degenera em insolência.

Um homem nobre que não esquece o seu dever para com os seus pais encoraja o povo a fazer o bem. Se ele não voltar as costas aos seus antigos camaradas, não encorajará a versatilidade do povo.”

Confúcio

Nasrudin, transportando um copo, dirigiu-se ao leiteiro da cidade.

Disse:

“Serve-me um litro de leite de vaca.”

“Estás louco, Nasrudin?! Neste copo não cabe nem meio litro de leite de vaca.”

Volveu Nasrudin:

“Nesse caso, prescindindo do leite de vaca. Deita-me um litro de leite de ovelha.”

Alguém perguntou ao Mestre:

“Deve pagar-se o mal com o bem?”

O Mestre, disse:

“Nesse caso que pagarás tu pelo bem? Pago o que é justo pelo mal e o bem com o bem.”

Confúcio

Existiu outrora um excêntrico rei que ordenou a construção de um magnífico palácio, no qual apenas se podia entrar por uma pequena porta. Todos os que visitavam o palácio não o conseguiam ver, já que depois de transposta a minúscula porta de entrada, abriam-se milhares de outras portas, que conduziam a inultrapassáveis labirintos.

Um dia, o príncipe dirigiu-se ao palácio para visitar seu pai. Entrou pela porta pequena e tomou consciência imediata de que todas as outras eram o reflexo de uma única, que abriu, entrando directamente nos aposentos do rei seu pai.

Num dia ensolarado de Primavera, um monge passeava na margem de um rio resplandecente.

Nisto, ouviu um coaxar intenso. Aproximando-se viu que tal algazarra era provocada por um sapo, que uma serpente não conseguia engolir, nem expelir.

Durante dois dias, o sapo continuou a coaxar, até que no terceiro, finalmente, a serpente atingiu os seus intentos.

O monge, pensou:

“Se o predador fosse uma cobra, morderia o sapo, o que o mataria instantaneamente.”

Um comerciante em viagem entrou com a sua caravana numa cidadezinha do interior do país. Acometido por intensa cólica intestinal, não se conteve e fez as suas necessidades bem em frente ao templo.

Surpreendido por alguns populares, foi levado à presença do juiz, que era Nasrudin.

Este, perguntou-lhe:

“Era sua intenção ofender-nos com tal acto? Era sua intenção ofender a nossa sagrada religião e todos os que a professam?”

O comerciante respondeu:

“Não eminência, nunca. Respeito e sempre respeitei os costumes e crenças dos lugares por onde viajo. No entanto, padeci de tal dor de ventre, que não me consegui conter.”

O juiz olhou-o longamente e, perante a evidente sinceridade do réu, preparou-se para proferir sentença.

Perguntou:

“O que é que o senhor prefere? Um castigo físico ou uma pena de multa?”

“Uma multa, meritíssimo.”

Nasrudin, disse:

“Nesse caso, condeno-o ao pagamento de um denário.”

O comerciante retirou da sua bolsa uma moeda, outra e ainda outra, dizendo:

“Senhor, tenho apenas uma moeda de dois denários. Partamo-la ao meio ficando o tribunal com metade, assim se fazendo justiça.”

Nasrudin pegou na moeda de ouro, olhou-a calmamente e disse:

“Não! Esta moeda não deve ser partida. O tribunal arroga-se o direito de ficar com ela, concedendo ao réu o direito de no dia de amanhã voltar a fazer as suas necessidades diante da porta do templo.”

Cinco anos após ter abandonado a sua mulher, esta dá à luz um filho, e atribui a paternidade a Buda, seu esposo. Não houve quem em tal facto se acreditasse, que apenas um milagre explicaria.

Quando Buda retornou, disse:

“Houve efectivamente um milagre. Este menino é meu filho, e irei demonstrá-lo.”

Nisto, tirou o seu anel que entregou à esposa, dizendo:

“Vai e entrega este anel ao menino. Ordena-lhe que o entregue ao pai.”

Antes que o menino chegasse á sala de cerimónias, Buda transformou todos os presentes, duas mil almas, à sua imagem e semelhança. Na sala estavam dois mil budas.

Quando a criança entrou, acompanhado pela mãe, dirigiu-se sem hesitações ao Buda verdadeiro, seu pai, e entregou-lhe o anel, tal como lhe havia sido ordenado por sua mãe.”

Buda disse:

“Este é o meu filho, carne da minha carne e espírito do meu espírito.”

Nasrudin tinha acabado de pôr mel a aquecer num tacho, quando inesperadamente surgiu um amigo.

O mel começou a ferver, Nasrudin retirou-o do lume e ofereceu um pouco à visita, depois de o ter vertido numa pequena tigela.

A visita, incauta, queimou-se.

Nasrudin, um tanto aflitivamente, munuiu-se de um leque, correu para o fogão e começou a agitá-lo em cima do pote que ainda estava ao lume.

O Mestre disse:

“Os justos voltam as costas ao mundo;
os que estão num grau mais baixo, voltam as costas à
sua pátria;
os que estão num grau ainda mais baixo, voltam as
costas à sua palavra.”

Confúcio

Um trabalhador indiferenciado percorria a cidade procurando trabalho. Há mais de um mês que não tinha modo de subsistência e a fome fazia-se avizinhar na família.

Encontrou um idoso a quem confidenciou a terrível situação em que se encontrava, que lhe disse:

“Estás perante um santo, um escolhido de Deus. Se me hospedares em tua casa, se cuidares de mim como Deus designou, nem tu nem a tua família terão fome em momento algum, bem pelo contrário, a sorte e a graça do Senhor irão abençoar-vos.”

O trabalhador desempregado confiou nas palavras do “santo” e acolheu-o de imediato, não obstante os violentos protestos de sua mulher.

O hóspede comia em excesso, mais parecendo um jovem com fome canina. Em poucos dias desapareceram os alimentos armazenados na despensa e a mulher não se conteve:

“Esse homem tem um apetite voraz e tu és um imbecil crédulo. Em poucos dias delapidou os escassos alimentos que guardámos para suprir as nossas necessidades. Vai e despede-o imediatamente.”

Sem alternativa, dirigiu-se ao ancião que ainda dormia, dizendo:

“Desculpa-me, nada posso fazer. O galo já canta, o dia começa e nada temos para comer. Tens de partir agora mesmo.”

“Enganas-te”, respondeu o velho manhoso, ainda podemos cozinhar o galo.

O Mestre exprimiu o desejo de se estabelecer entre as nove tribos selvagens do Oriente.

Disseram-lhe:

“Mas, como suportareis a ignorância dessas gentes?”

Respondeu:

“De que ignorância se pode falar onde reside um homem culto?”

Confúcio

O discípulo tinha estudado todas as filosofias, lido todos os filósofos mais marcantes e não encontrava sentido para a vida.

Angustiado, questionou o Mestre:

“Tem a vida sentido?”

O Mestre respondeu:

“Os cedros ficam vermelhos no Inverno, os animais de carga recitam as escrituras, as nuvens tingem-se de verde, chove leite e a erva cresce viçosa para o interior da terra.”

Volveu o discípulo:

“A minha pergunta prende-se com o sentido da vida. O que dizes não tem nenhum sentido.”

O Mestre disse:

“São os olhos que falam e os lábios vêm.”

“Tudo o que dizes não tem sentido.”

Então, o Mestre disse:

“Como é que podes compreender o sentido da vida se não compreendes o seu sem-sentido?”

Um homem disse a um rabino:

“Tenho um medo horrível de morrer.”

O rabino disse.

“Tenho a cura para os teus medos. Todas as noites entrega-te ao sono como se fosses morrer.”

Decorrido algum tempo, encontraram-se e o rabino perguntou-lhe:

“Seguiste o meu conselho?”

“Segui.”

“Quantas horas dormiste?”

“Não faço ideia, rabi. Mas, mal me deitava adormecia e quando despertava, tinha a sensação de que acabara de me deitar.”

“Tudo como se de um minuto se tratasse?”

“Exacto, rabi.”

“Quando se dorme não temos consciência do tempo que passa.”

Um homem de nome Tahar, trabalhava há largos anos nos esgotos da cidade. Sempre o mesmo trabalho, sempre o mesmo cheiro.

Certo dia, terminada a jorna, caminhou por uma rua onde uma loja que exalava estranhas fragrâncias lhe chamou a atenção. Era uma perfumaria.

Entrou, e muito compenetrado foi cheirando alguns dos muitos frascos expostos. Nunca tinha sentido o odor de tais substâncias. Os aromas inebriavam-no.

Passados alguns minutos, a cabeça começou a rodopiar em tenebrosa vertigem e desmaiou. Tudo foi feito para o fazer retornar ao estado de consciência, mas em vão.

Como nada fosse conseguido, deliberaram os presentes avisar o pai de Tahar, narrando-lhe o sucedido.

Este, correu para a perfumaria onde o filho jazia inconsciente. Tirou do bolso uma pequena caixa, contendo restos de fezes e fez com que o seu filho aspirasse o odor fétido que exalava.

Quase de imediato, Tahar, recobrou a consciência.

Um mendigo bateu à porta da casa grande da aldeia. O dono abriu, e aquele disse:

“Poderá o senhor dar-me um pedaço de pão com que alivie a fome?”

O senhor, respondeu:

“Não, não sou padeiro, vai-te a outra casa.”

“E, se for um pouco de carne?”, volveu o mendigo.

“Claro que não. O que é que te faz pensar que eu seja carniceiro?!”

“Uma tigela de farinha?”

“Será que esta casa tem a aparência de um moinho?”

O mendigo não estava disposto a desistir:

“Pelo menos dais-me uma moeda?”

“Aqui não está instalado nenhum banco!”

Perante tanta resposta negativa, disse o mendigo:

“Já que nada tendes para me dar, peço-vos humildemente que me deixeis descansar um pouco à sombra na vossa casa, o sol queima e eu estou extenuado.”

Vendo que assim nada perderia, o avarento concordou apesar de contrafeito, e disse:

“Senta-te ali, na sala.”

O homem entrou, dirigiu-se para a cadeira que lhe tinha sido destinada pelo dono, mas em vez de se sentar, baixou as calças e começou a fazer as necessidades no tapete persa.

“O que é que fazes, enlouqueceste, quem pensas que és?”, bradou com indignação e encolerizado o proprietário.

O mendigo respondeu:

“Num lugar como este, tão inútil, não vislumbro mais nada para fazer além de cagar.”

Na sequência de múltiplas guerras, um rei perdeu todos os seus soldados e servidores, à excepção de dois velhos criados.

Um exército de bárbaros comandado por um general sanguinário, aproximou-se da cidade com a intenção de tomar o castelo de assalto.

Sem recurso a qualquer defesa minimamente satisfatória, o rei ordenou que abrissem os portões do castelo e todas as portas do palácio, e tomou assento no salão de entrada.

Os bárbaros, sem qualquer reacção defensiva, avançaram entrando em minutos no palácio. Depararam-se com o rei tranquilamente sentado, com uma serenidade incomum estampada no rosto.

Os atacantes ficaram estarrecidos e perplexos com tal procedimento, e receando uma emboscada o general ordenou a imediata retirada dos seus homens.

Disse o rei aos dois criados:

“Os bárbaros que são a plenitude, amedrontaram-se com o vazio.”

O Mestre disse:

“Há três qualidades do homem nobre que me faltam: um nobre é bom e não tem inquietações, é inteligente e não tem dúvidas, é forte e nunca tem medo.”

O discípulo disse:

“Mas, essas são as vossas qualidades.”

Confúcio

Dois sannyasin encontraram-se. Um era bem mais idoso do que o outro.

O mais velho questionou o mais novo:

“Para onde te diriges irmão?”

“Procuro um verdadeiro Mestre”, respondeu o jovem.

Passaram alguns dias juntos, e o mais velho considerou ser esse o momento adequado para partir. Tinha chegado a hora da separação.

O jovem perguntou:

“Para onde vais? Qual o teu destino?”

“É um destino sem destino; vou continuar a minha busca.”

“Qual?”

“A de encontrar um discípulo maduro. Encontrar alguém assim, é como encontrar agulha num palheiro. Muito poucos são os homens capazes de distinguir um Mestre verdadeiro de um falso, talvez um em dez milhões.”

O espírito do discípulo estava completamente repleto de questões insolúveis.

As dúvidas assolavam-no, gerando-lhe uma intensa e terrível angústia.

Num momento de desespero, questionou o Mestre:

“Quando e como saberei que estou a traçar o caminho correcto na direcção da libertação?”

O Mestre respondeu:

“Filho, não te angusties nem te consumas. Essas questões irão desaparecer naturalmente quando estiveres a pisar o caminho que conduz à libertação.”

“Mestre, quem sou eu?”

O Mestre respondeu:

“És um tolo. Para que queres tu um “eu”?”

O Mestre disse:

“Um homem nobre esforça-se por fazer notar as boas inclinações das pessoas e não fazer notar as más. Um homem vulgar, faz o contrário.”

Confúcio

Dois sannyasin viajavam na Índia. Acordaram em fazer uma paragem na jornada, escolhendo frondoso bosque para meditar.

Um, adoptou de imediato a postura de meditação, enquanto que o outro, retirou da sacola uma faca com que começou a abrir um coco. Distraindo-se, pousou-a junto de si, e um macaco com invulgar rapidez apoderou-se dela.

O sannyasin não se conteve e interrompeu a meditação do amigo:

“Veio um macaco daquelas árvores e num ápice agarrou a minha faca, fugindo. Que posso eu fazer? É a única que temos.”

O amigo respondeu:

“Bom, assim sendo, estou descansado. Se fosse um homem, isso preocupar-me-ia.”

Tseu-tchang, perguntou:

“Quem podemos considerar como oficial distinto?”

O Mestre respondeu:

“E, que significado tem para ti a palavra “distinto”?”

Tseu-tchang, disse:

“Aquele cujo nome é tão grande na sua família como no país em que vive.”

O Mestre disse:

“Ter renome, não é sinónimo de que se seja distinto. Para que se chegue a essa elevação, é necessário que se tenha um carácter leal, que se ame a justiça, que se seja prudente quando se fala, atento às suas atitudes, sejam elas quais forem, modesto e humilde. A distinção de tal homem será reconhecida tanto no país como na própria família. Quanto ao “renome”, até um homem que finja procurar o bem, iludindo os outros, mesmo quando as suas acções sejam contrárias, e que procure impor-se

sem cessar, pode alcançar “renome” no seu país e na sua casa.”

Confúcio

Existiu um homem que ouvira falar na preciosa madeira de sândalo. Nunca tinha visto tal madeira, nem cheirado o seu aroma.

Começou a pedir a todos os seus amigos e conhecidos que lhe conseguissem um pedaço. A obsessão era tão grande, que escreveu cartas para alguns que residiam em países distantes.

Um dia, ao escrever um dos muitos bilhetes, completamente absorto, começou a desfazer com os dentes o pequeno pedaço de lápis que vinha utilizando há largos meses. Um doce aroma exalava da madeira roída. Era sândalo!

Buda era muitas vezes humilhado e injuriado. Por vezes, os discípulos, dispunham-se a defender o seu Mestre.

Este dizia-lhes:

“Deixai-os. O mundo discute comigo, mas eu não discuto com o mundo.”

“Se as palavras de alguém forem boas e justas, será isso uma prova de que ele é um homem nobre?”

O Mestre respondeu:

“Pode acontecer que apenas tenha a aparência.”

Confúcio

Buda predicava aos discípulos, quando se aproximou um monge errante, que lhe disse:

“Toda a minha vida fiz enormes penitências. Castiguei o corpo, jejei, flagelei-me para exterminar as paixões.”

“E qual foi o resultado de tão dura penitência”, perguntou o bem-aventurado.”

“Consigo caminhar sobre as águas”, respondeu o penitente com grande vaidade.

Buda disse:

“Empregaste muito mal o teu tempo. Esqueceste-te de algo que nem as crianças olvidam: barcos.”

O discípulo estava confuso. Havia estudado todos os sistemas filosóficos, todas as doutrinas teológicas, os denominados caminhos de libertação, mas a sua mente estava cada vez menos lúcida.

Num momento de desabafo, disse ao seu Mestre:

“Para quê tantos escritos, tantas filosofias, tantas crenças, tantos caminhos de libertação, se só existe uma Verdade?”

O Mestre respondeu:

“Cada ser humano é um Caminho!”

Perguntaram ao Mestre:

“Qual o segredo da tua serenidade?”

“Saber viver o instante, esse é o segredo.”

O Mestre tinha dedicado a manhã para passear e fazia-o acompanhado por um discípulo.

Este perguntou:

“O que é o Tao?”

“Anda rapaz, limita-te a caminhar”, respondeu.

“Isso é o que fazemos à cerca de uma hora. Diz-me o que é o Tao?”

“Poderias dar um único passo que fosse, não fora ele?”

Tseu-tchang perguntou:

“O que é ser bom, ter a bondade dentro de si?”

O Mestre respondeu:

“É verdadeiramente bom aquele que possui cinco qualidades: cortesia, generosidade, honestidade, diligência e bondade de coração. O cortês não se ofende; o generoso é popular; o honesto terá a confiança dos outros; o diligente terminará todas as suas tarefas; aquele que tem um coração bom é digno de ser servido pelos outros.”

Confúcio

Um viajante tinha-se perdido no deserto. Estava a morrer de sede sob o sol escaldante. Uma caravana deparou-se com o moribundo, que pedia água desesperadamente.

Alguns dos homens da caravana discutiam entre si como lhe haviam de servir a água, se num copo, se numa tigela ou do próprio cantil. A discussão arrastou-se por algum tempo.

Quando, finalmente se decidiram, o moribundo expirou.

Tseu-tchang perguntou:

“Quem é inteligente?”

O Mestre respondeu:

“Um homem que passa por cima de toda a insinuação ou de toda a calúnia pode chamar-se inteligente; pode igualmente dizer-se que ele está acima das mesquinhices.”

Confúcio

Um imperador era profundamente religioso, mas não professava nenhuma religião, não se atinha a qualquer método contemplativo em especial e não se subjugava a qualquer filosofia.

Para transmitir aos seus súbditos o facto de que a Verdade é inexprimível, pediu a um dos mais afamados escultores do império, que esculpisse uma estátua de rara beleza, que exprimisse a espiritualidade sem reservas, ou seja, sem quaisquer conotações limitativas da sua natural liberdade.

O escultor, durante meses talhou uma estátua de beleza inigualável e colocou-a num santuário construído para o efeito.

Logo que se abriram os seus portais, começaram as disputas, de que um dos ministros o informou detalhadamente:

“Majestade, no santuário há acesas disputas, insultos e agressões. Os hindus dizem que a estátua é de Krishna, os sikhs dizem que é do Guru Nanak, os muçulmanos asseveram que é de Maomé, os budistas garantem que é de Buda e os cristãos de Jesus. É grande e despropositada a agitação.”

Depois de profunda, mas breve meditação, disse o imperador místico:

“Manda um esquadrão da minha guarda pessoal ao santuário. Ordena-lhes que dispersem os fieis e que destruam a estátua. Encerrem também o templo, para que os operários o possam demolir. Este povo, apenas vê o resultado dos seus condicionamentos.”

O discípulo perguntou:

“Quais são as qualidades necessárias para que alguém mereça o nome de cavaleiro?”

O Mestre disse:

“Denominaremos cavaleiro aquele cujo comportamento é decoroso e que sendo enviado em missão a qualquer lugar, não envergonha o seu príncipe.”

O discípulo disse:

“Permiti-me perguntar: Quem é que vem a seguir a esse?”

O Mestre disse:

“Aquele que, no seu clã, é considerado como sabendo respeitar o pai e a mãe; e na sua aldeia, como deferente com os irmãos mais velhos.”

O discípulo disse:

“Permito-me perguntar: e quem vem depois?”

O Mestre disse:

“Aquele que guarda a sua palavra e que acaba sempre o que começou. Mesmo se for um homem vulgar e o fizer por uma simples obstinação, pode ser colocado em terceiro lugar.”

O discípulo disse:

“E os que oficiam hoje na administração?”

O Mestre, cabisbaixo, respondeu:

“Não falemos desse punhado de gente de pouco valor, não vale a pena.”

Confúcio

Buda partilhava os seus ensinamentos percorrendo a Índia. O Compassivo ensinava o Caminho da Libertação a todos os que se dispunham a ouvi-lo, nas cidades, vilas e povoados.

No entanto, em muitos lugares, era ultrajado, vilipendiado, mas jamais perdia a sua serenidade. A paz que emanava não era afrontada por quaisquer insultos.

Um dos discípulos que o acompanhava, perguntou-lhe: “Mestre, como podeis manter-vos imperturbável perante expressões tão injuriosas, actos tão reprováveis que vos atingem injustamente na vossa honra e consideração?”

O Senhor Buda respondeu:

“Insultam-me, mas eu não recebo os insultos.”

O discípulo perguntou:

“Se alguém for amado por todas as pessoas da sua aldeia, que dizeis vós disso?”

O Mestre disse:

“Talvez seja uma qualidade, talvez não.”

Volveu o discípulo:

“E um homem odiado por todas as pessoas da sua aldeia?”

O Mestre disse:

“Talvez seja uma qualidade, talvez não. A qualidade é ser amado pelos bons e odiado pelos maus.”

Confúcio

Um monge regressava ao mosteiro, quando num campo vizinho, um patrão espancava um empregado.

Movido por grande compaixão, acorreu em socorro do pobre trabalhador, colocando-se em frente do agressor. Este, impiedoso, passou a espancar o monge, que foi

recolhido inconsciente por outros companheiros de hábito.

Já no mosteiro, um dos noviços tratava as suas mazelas com extremo carinho, e quando retomou a consciência deu-lhe chá a beber e perguntou:

“Reconheces-me irmão?”

O enfermo respondeu:

“Claro irmãozinho. Tu que me espancaste, cuidas agora das minhas feridas e dá-me chá compassivamente.”

Disse o Mestre a um discípulo:

“Vale mais que eu me cale.”

O discípulo disse:

“Se vós, meu Mestre, não falardes, que poderemos nós dizer em vosso nome, nós, vossos discípulos?”

O Mestre disse:

“O céu fala? E, contudo, é de acordo com ele que as estações se seguem e que tudo toma origem. O céu fala?”

Confúcio

“Mestre, onde poderei encontrar a Verdade?”

“No quotidiano.”

O discípulo replicou:

“Mas, no meu dia a dia, nunca consegui levantar sequer o seu véu.”

O Mestre disse:

“É verdade. Uns vêm e outros não, essa é a verdadeira diferença.”

Tseu-tchang, disse:

“Um cavalheiro, ao ver um perigo, está pronto a arriscar a sua vida. Perante um proveito, considera primeiro se é honesto. Ao fazer um sacrifício, conserva toda a sua gravidade. Estando de luto, entrega-se à tristeza. Um tal cavalheiro é digno do seu nome.”

Confúcio

Existia numa aldeia perto de famoso mosteiro um velho, homem simples e analfabeto, que desejava ardentemente atingir a paz e o equilíbrio interior.

Dirigiu-se ao mosteiro, pedindo para ser admitido.

Os monges mais velhos, consideraram que se por um lado a sua intenção era firme e justa, por outro, as suas capacidades eram tão limitadas, que nada conseguiria aprender.

O velho insistiu várias vezes, e por via de tanta insistência, disseram-lhe:

“Bom homem, podes ficar connosco. Vais iniciar-te com a obrigação de varrer o claustro todos os dias.”

O ancião, feliz, aceitou de bom grado a tarefa e foi-lhe imediatamente entregue uma vassoura.

A partir daí, e durante anos, o noviço varreu diariamente o claustro, empenhando-se na perfeição do seu trabalho.

Com o decurso do tempo, inexistia quem não notasse substanciais modificações no idoso. Parecia estar sempre envolto numa atmosfera de paz celestial e todos os seus gestos eram harmoniosos e estavam em perfeita consonância com o universo. Havia atingido um notável grau de perfeição que se estendia aos que dele se acercavam, uma libertação contagiante.

Os monges, acometidos pela curiosidade, questionaram-no:

“Bom homem, que prática seguistes para chegares onde chegastes? Donde vem essa paz que se comunica a tudo o que te envolve?”

O velho, com humildade, respondeu:

“Nada mais para além da minha tarefa. Quando varro o chão do claustro, faço-o com amor e imagino que estou a limpar o meu coração de todos os males e de tudo o que na vida me atormenta.”

Perguntaram a Confúcio:

“Que deve o homem de bem examinar na sua consciência, no final de cada dia?”

Confúcio respondeu:

“Examina-te todos os dias sobre três questões fundamentais: foste sincero quando aconselhaste os outros? nas relações com os teus amigos, o teu coração e a tua língua estiveram de acordo? negligenciaste ou cumpriste os ensinamentos transmitidos pelos amigos?”

Entardecia. Um pastor estava desesperado. Faltava-lhe uma das suas ovelhas. O que diria o dono do rebanho? Certamente não lhe perdoaria; seria despedido ou teria de a pagar com o seu miserável salário.

Já de noite, sem coragem para enfrentar o seu patrão, sentou-se à porta de uma estalagem, chorando a perda e as suas inevitáveis consequências.

Um homem saiu da estalagem, dizendo-lhe:

“Rapaz, porque é que carregas essa ovelha às costas?”

“Diz-me Mestre, quem é que pode ser considerado como justo governante?”

Confúcio respondeu:

“Aquele que governa o povo pela força das suas qualidades parece-se com a estrela polar, que permanece

praticamente imóvel enquanto todas as outras se inclinam em relação a si.”

Dois amigos dedicavam-se à meditação. Decidindo dedicar-se exclusivamente ao desenvolvimento espiritual, adquiriram dois terrenos contíguos.

Um, plantou na sua pequena propriedade uma roseira com intenção de poder contemplar as rosas. O outro, não o fez por considerar que tal acto lhe poderia causar um apego limitador do seu crescimento.

Algum tempo passado, a roseira exibiu majestosas rosas, que o místico contemplava com amor e que despertavam a sua sensibilidade. Em momento algum sentiu apego pelas mesmas, limitando-se a desfrutar a sua beleza, consciente da sua impermanência.

O outro, passava grande parte do seu tempo a pensar no facto de que também poderia ter plantado uma roseira, gozando das delícias da contemplação, usufruindo da sua beleza. A sua mente estava repleta de rosas imaginárias de que nunca se desapegou...

Tseu-k'ín perguntou a Tseu-kong:

“Quando o nosso senhor vai a uma região e se informa sobre a sua administração, ele interroga e faz uma investigação? Ou as pessoas vêm e contam-lhe?”

Tseu-kong, respondeu:

“O nosso senhor é benévolo e franco com toda a gente, as suas maneiras são afáveis; ele é calmo, modesto e deferente; graças a isso obtém todas as informações; a sua maneira de inquirir não se parece em nada à dos outros.”

Confúcio

O discípulo perguntou ao Mestre:

“Porque insistes tanto no vazio da mente? praticamente de nada mais falas.”

O Mestre ordenou-lhe que fosse buscar um copo cheio de água. Quando o discípulo chegou, disse-lhe:

“Bate no copo com esta colher.”

Ambos constataram um som vagamente surdo, apagado, sem vibração.

“Esvazia o copo”, disse o Mestre. “Agora bate de novo no copo como antes o fizeste.”

O som era vivo e vibrante, e o discípulo entendeu.

Tseu-lu perguntou:

“Devo por em prática de imediato o que aprendo?”

O Mestre respondeu:

“Os teus pais e irmão mais velho estão vivos, porque não os vais consultar antes de agires?”

Jan-Jeu perguntou:

“Devo por imediatamente em prática o que aprendo?”

O Mestre respondeu:

“Põe-no em prática imediatamente.”

Kong-si Hua disse:

“À pergunta de Tseu-lu, vós dissetes: os teus pais e irmão mais velho estão vivos, vai primeiramente consultá-los. À mesma pergunta de Jan-Jeu respondestes: põe imediatamente em prática o que aprendeste. Isso deixa-me perplexo. Com a vossa licença, peço-vos que me expliqueis as vossas palavras.”

O Mestre disse:

“Jan-Jeu é lento a decidir e retardatário; julguei de todo conveniente incitá-lo à acção. Tseu-lu é impetuoso; por essa simples razão o travei.”

Confúcio

Mestre e discípulo caminhavam há longas horas na direcção de um mosteiro vizinho ao seu.

O discípulo percorria a vereda em silêncio, mas pensativo. O Mestre, percorria-a apenas.

Num dado momento, o discípulo interrompendo o silêncio perguntou:

“Mestre, como poderei eu encontrar o justo equilíbrio que fará com se extinga a ignorância, a ilusão e o sofrimento?”

O Mestre permaneceu silencioso. O discípulo retornou com a mesma pergunta duas vezes mais.

Subitamente, tropeçou numa pedra e estatelou-se no chão.

Disse o Mestre:

“Jovem, se não tens equilíbrio físico, se não consegues dotar as tuas próprias pernas da harmonia necessária para um caminhar seguro, como atingirás tu o equilíbrio que faz extinguir a ignorância, a ilusão e o sofrimento?”

O Mestre disse:

“Tseu-lu, conheces seis sentenças que são outras tantas incoerências?”

Tseu-lu respondeu:

“Não.”

O Mestre explicou:

“*Ama o bem e não ames o estudo*, esta inconsequência leva à estupidez.

Ama a sabedoria e não ames o estudo, esta leva ao erro.

Ama a sinceridade e não ames o estudo, esta leva ao prejuízo dos outros.

Ama a franqueza e não ames o estudo, esta leva ao impudor.

Ama a valentia e não ames o estudo, esta leva à insubmissão.

Ama a firmeza e não ames o estudo, esta leva ao desvaire.”

Confúcio

Shankara pertencia à casta dos brâmanes. Estes, sendo na Índia uma casta superior, recusavam-se e não toleravam qualquer contacto com pessoas de castas inferiores.

Certo dia, Shankara, passeava-se nas ruas da sua cidade, quando um trabalhador pária – *a mais baixa das castas, desprezada por todas as outras* – tropeçou, empurrando-o involuntariamente.

Shankara, num tom de extrema indignação, disse:

“Tem cuidado homem. Não vês que sou um brâmane? Como ousaste tocar-me?”

O pária, recompondo-se da queda, respondeu:

“Senhor, estás a ser impulsivo. Nem eu vos toquei, nem vós me tocastes. Achais que o vosso verdadeiro ser é esse corpo, um mero pote de argila? Não sabeis vós, que o Eu real não é nem a mente, nem os sentimentos e emoções? Muito menos o sendo o corpo?”

Shankara, o brâmane, baixou os olhos e prosseguiu meditando nas palavras do pária. Da sua boca haviam jorrado palavras de sabedoria que o tocaram profundamente.

Foi provavelmente este o acontecimento, que fez de Shankara o filósofo místico que tanto apreciamos e reverenciamos.

O Mestre disse:

“Uma vez que não encontro pessoas do justo meio termo com quem me associe, resta-me a associação aos cabeças quentes e aos hesitantes, porque os cabeças quentes estão sempre prontos a agir e os que agem às apalpadelas estão prontos a abster-se de toda a acção duvidosa.”

O discípulo questionou o Mestre:

“Como é que nos podemos proteger?”

O Mestre respondeu:

“Evitando tudo o que é ignóbil.”

“Como é que o conseguimos?”, volveu.

“Evita todo o esbanjamento que não produza qualquer fruto”, disse o Mestre.

“Qual a atitude de evitamento de tal situação?”

O Mestre, finalizou:

“Usa a atenção constante. Com ela, atingirás a profundidade da mente e daí obterás a tranquilidade, a paz, e quem sabe, se deixares a porta aberta, a própria Verdade.”

O discípulo perguntou:

“Que é o bem?”

O Mestre disse:

“Ama as pessoas.”

O discípulo perguntou:

“O que é a sabedoria?”

O Mestre disse:

“Conhece as pessoas.”

Confúcio

Um místico passava os seus dias concentrado na união com o Absoluto.

Mas, um dia, começou a divagar, a sua concentração desvanecera-se, os pensamentos sucediam-se em cascata, a sua paz dissipava-se.

Angustiado, disse:

“Demónio, por que razão me perturbas?”

O demónio, compadecido, disse-lhe:

“Ouve amigo. Tempos existiram em que o meu trabalho era árduo. Muitos havia a quem atormentar e eu desconhecia o tédio. Mas, agora, com tantos mestres falsos, gurus de encomenda e toda uma panóplia de vigaristas espirituais, são eles que fazem o meu trabalho, e pior do que isso, executam-no com perfeição.”

Ao falar do senhor Kong-chu Wen, o Mestre disse a Kong-ming Kia:

“É verdade que o vosso senhor não fala, não se ri e não aceita presentes?”

O outro, respondeu:

“É um exagero. O meu senhor fala no momento julgado útil; por isso, as suas palavras são sempre escutadas. Só se ri nos momentos de alegria; por isso, o seu riso nunca desagrada. Só toma para si o que lhe é devido; por isso, ninguém vê mal nele.”

O Mestre, disse:

“É assim? É verdadeiramente assim?”

Confúcio

O discípulo mais novo do Mestre, era um universitário racionalista.

Perguntou:

“O que é que sustém o mundo?”

O Mestre respondeu:

“Oito elefantes brancos.”

“E quem é que sustém os elefantes brancos?”, volveu o discípulo insatisfeito.

“Outros oito elefantes brancos.”

O Mestre agastado, disse:

“Outrora as pessoas tinham três defeitos, que talvez não existam nos nossos contemporâneos.

Os desobedientes de outrora mostravam a sua desobediência em coisas secundárias. Mas, nos nossos dias são licenciosos em todos os aspectos.

Os orgulhosos de outrora contentavam-se em retirarem-se e guardarem silêncio. Hoje são violentos e questionadores.

Os imbecis de outrora eram ingênuos. Hoje são patifes, e nada mais.”

O Mestre disse:

“Ouvir os litigantes e fazer justiça, eu posso fazê-lo exactamente como os juizes. Mas, grande será aquele que faça com que os homens não instaurem processos.”

Confúcio

O Mestre não falava; praticamente nada dizia. Era conhecido como o “Sábio Mudo”. Os seus ensinamentos eram transmitidos através da paz, do seu olhar compassivo e do silêncio purificador.

Um discípulo, que racionalizava todas as questões, pleno de conhecimento discursivo, amante da lógica e da dialéctica, interpelou-o:

“Nunca respondes às minhas questões. Não me elucidas quanto aos mistérios existenciais, à essência do Ser e do Não-Ser, da vida e da morte. Qual o motivo que te leva a recusares-me o teu auxílio?”

O Mestre manteve-se silencioso durante alguns minutos, até que por fim, retirando uma agulha de coser do bolso do manto, disse:

“Quero que coloques uma gota de água na ponta desta agulha.”

“Mas isso é impossível, não te entendo.”

O Mestre disse:

“Muito mais impossibilitado estás, de entender com o pensamento limitado pelo espaço e pelo tempo, o que está muito para além dele, o ilimitado, o incomensurável. Leva esta agulha contigo, pendura-a ao pescoço, e sempre que as dúvidas te assolarem lembra-te que é mais difícil atingir os mistérios do teu espírito do que pôr uma gota de água na ponta da agulha.”

O discípulo ficou constrangido.

Volveu o Mestre:

“Não te sintas comprometido com as tuas concepções. Há muitas décadas, também o meu Mestre me entregou esta agulha, que transportei num fio ao pescoço durante muitos anos.”

Ki Tseu-tch'eng disse:

“Um homem nobre é uma matéria em si. Terá alguma necessidade de ser ornamentado com cultura?”

O Mestre respondeu:

“É pena que vós tenhais descrito assim o homem nobre. Uma quadrilha de cavalos não alcançará uma sílaba disparada. A cultura vale tanto como essa matéria, e a matéria tanto como a cultura. Tirai as estrias da pele do tigre e ela valerá tanto como a de uma ovelha ou até mesmo de um cão.”

Confúcio

Dois jovens guerreiros foram feitos prisioneiros de guerra e durante três anos estiveram detidos pelas forças inimigas.

No final do conflito foram postos em liberdade, após um cativeiro de grande martírio.

Nove anos depois da libertação, encontraram-se numa cidade comercial, perguntando um ao outro:

“Lembras-te dos nossos carcereiros? Dos martírios a que fomos sujeitos?”

“Não.”

“Como é que os pudeste esquecer? Não há um único dia em que não sonhe com a merecida e justa vingança.”

O outro, compassivamente, disse:

“Esquece-os quanto antes. Desde que saí daquele campo de prisioneiros nunca mais pensei nos nossos carrascos. Eu estive preso três anos, tu estás há doze.”

Dois discípulos aguardavam o Mestre na sala de meditação. Nunca se tinham encontrado.

Um deles perguntou:

“Vieste ouvir as palavras do homem santo?”

“Não, bastar-me-á ver como aperta as sandálias.”

Existiu um lenhador muito pobre. Andava pela orla da floresta a escolher árvores, quando um eremita que por ali vivia, lhe disse:

“Lenhador, não te limites às orlas do bosque, continua em frente, continua em frente.”

O lenhador continuou o seu trabalho na parte exterior da floresta por alguns dias, o que lhe poupava o penoso trabalho de um transporte da madeira bem mais dificultoso, até que se lembrou das palavras do eremita.

Entrou pela floresta e descobriu um grupo enorme de árvores de madeira de sândalo, a mais preciosa de todas as árvores. Começou a vender a madeira fruto do abate,

e a sua vida mudou radicalmente. Os proventos cresciam de dia para dia.

Passados meses, lembrou as palavras do eremita da floresta:

“Continua em frente, continua em frente.”

Penetrou mais na floresta e descobriu uma mina de prata. Estava cada vez mais rico.

Mesmo assim, as palavras daquele homem não paravam de lhe assomar ao espírito.

Continuou, penetrou no coração da floresta e descobriu uma mina de ouro, transformando-se no homem mais rico do seu país.

Tseu-hia, sendo governador de uma cidade, perguntou como a havia de administrar.

Confúcio, disse:

“Não sejas irreflectido e impaciente; não faças cálculos sobre os proveitos. Se agires precipitadamente, não chegarás longe; se te preocupares com pequenos lucros, não realizarás empresa de vulto.”

O Mestre repetia com uma frequência invulgar:

“Neste mundo vigora a ilusão. Mantenham a vossa mente em equilíbrio e sejam equânimes.”

O filho do Mestre faleceu, e este chorava copiosamente.

Um dos discípulos, intrigado, não se conteve:

“Se sempre nos ensinastes que tudo é ilusório, porque motivo choras?”

Respondeu:

“Choro pela terrível ilusão de perder um filho neste mundo ilusório.”

No final de uma conferência na Faculdade de Filosofia, iniciaram-se os debates, tendo-se acendido intensa discussão metafísica.

Teorias desfilavam sem cessar. Ninguém deixava de demonstrar a sua erudição e os participantes embeveciam-se com as citações que proferiam.

O Mestre, que assistia com um discípulo disse:

“São como lavadeiras.”

“Lavadeiras?!”

“Sim, as lavadeiras têm sempre muita roupa nas suas casas. Só que não lhes pertence. Estes “eruditos” têm muitas doutrinas, teses e conhecimentos que também não lhes pertencem. Parecem cheios, mas estão vazios, ocios. São lavadeiras.”

Tseu-kong perguntou:

“Que pensas de um pobre que não seja um papa-jantares e de um rico que não seja orgulhoso?”

O sábio respondeu:

“São pessoas de uma certa qualidade, mas não inferiores a um pobre que está contente com a sua sorte e a um rico que é fiel à tradição.”

Tseu-kong, disse:

“Lê-se no *Livro das Odes*:

Como uma coisa talhada, como uma coisa limada,
Como uma coisa cinzelada, como uma coisa
facetada.

É nisso que vós pensastes?”

Volveu o sábio:

“Doravante posso falar com Tseu-kong das poesias. Uma vez que lhe dou as premissas, ele tira as conclusões.”

Confúcio

Um Mestre apenas tinha um discípulo. Este, ouvia-o atentamente, mas tinha uma natural dificuldade em pôr em prática os ensinamentos adquiridos.

Um dia, o Mestre disse:

“Irmãozinho, vai ao cemitério da aldeia e grita aos mortos todos os elogios que te ocorrerem. Vamos, vai.”

Retornou depois de ter cumprido o que lhe havia sido ordenado, e o Mestre questionou-o:

“Qual foi a reacção dos mortos aos teus elogios? Quais as suas respostas?”

“Nada disseram, bom Mestre, rigorosamente nada. Havia um silêncio total que em momento algum se quebrou, depois de ter tecido os maiores elogios.”

“Assim sendo, quero que voltes ao cemitério. Mas, desta vez, insulta-os. Não te intimides, insulta-os com as palavras mais injuriosas que conheceres.”

Assim o fez. O Mestre perguntou:

“Qual a resposta dos mortos?”

“Nenhuma, respondeu o discípulo.”

“Aprende a lição. Deves ser igual aos mortos, tão indiferente aos elogios quanto aos insultos.”

Um velho monge estava agonizante no seu leito. Era dos mais respeitados no mosteiro. À sua volta, os amigos de longa data e alguns noviços não conseguiam sustentar as lágrimas.

O moribundo, não obstante a sua fraqueza não conseguiu deixar de sorrir.

Um dos monges disse:

“Irmão, estranhámos o teu riso, nós que choramos a tua perda.”

“Sorriso por três motivos: pelo vosso medo da morte, por não estarem devidamente preparados para a aceitar e por não entenderem que o meu passamento é o do sofrimento para a paz, o que vos devia alegrar e não entristecer.”

O príncipe de Che, perguntou:

“Qual é o governo bom?”

O Mestre disse:

“Eis em que se reconhece: os que estão perto alegram-se e os que estavam longe regressam.”

Confúcio

Devadatta era primo de Buda e ardia de ciúme e inveja. A sua iluminação e o número crescente de discípulos atormentavam-no. Tais sentimentos negativos faziam com que o difamasse e lhe desejasse a morte.

Um dia, quando Buda atravessava um desfiladeiro, Devadatta fez rolar uma pedra enorme com a firme intenção de o atingir mortalmente. No entanto, a pedra passou ao seu lado. Buda ainda viu o autor de tal tentativa de homicídio, mas não perdeu em momento algum a sua postura compassiva.

Algum tempo decorrido, cruzou-se com Devadatta, e para espanto deste, saudou-o com carinho e afecto.

Devadatta, cabisbaixo e comprometido, perguntou-lhe:

“Não me odiais Senhor?”

“Não, evidentemente que não”, respondeu Buda.

“Como assim?”, perguntou Devadatta numa atitude de espanto e simultaneamente de culpa.

Buda disse:

“Neste momento já não és tu quem arremessou a rocha, e não sou eu aquele que estava no desfiladeiro quando foi arremessada.”

Um operário perdeu as suas ferramentas de trabalho. Por mais que as procurasse, não as conseguia encontrar nem lembrar do local onde as deixara.

Dirigiu-se a Deus, pedindo:

“Senhor, vós que tudo sabeis e podeis, ajudai-me a encontrar as minhas ferramentas. Se o fizerdes prometo solenemente entregar duas moedas aos pobres.

Decorridos dias, encontrou-as. Volveu ao seu Deus:

“Senhor, tu que tudo consegues, que fizeste que eu encontrasse as minhas ferramentas, auxilia-me agora a encontrar as duas moedas da promessa, para que a justiça se cumpra.”

O Mestre disse:

“Um homem nobre está de boas relações com toda a gente, mas não tem familiaridade com toda a gente. E o contrário é verdade para o vulgar.”

Confúcio

Um homem de negócios foi visitar o Mestre. Este, era tido como um reservatório imenso de sabedoria, e aquele, apesar de todos os seus afazeres não quis deixar de o conhecer, principalmente para tentar entender o desapego quase total que lhe atribuía.

Na presença do Mestre, disse:

“Poderás tu dizer-me algo que possa melhorar a minha vida? Sinto que a felicidade me escapa pelos dedos, não obstante tenha tudo o que desejo.”

“Já não és propriamente um jovem. Julgo que deverias dedicar-te um pouco à vida espiritual. A existência é muito mais do que a mera satisfação dos desejos da carne ou da matéria.”

O homem respondeu:

“Tens razão. Mas, o meu quotidiano é uma corrida contra o tempo. Tenho três grandes empresas para gerir, dezenas de lojas espalhadas pelo país, sucursais no estrangeiro, um activo imobiliário imenso, acções e mais de um milhar de empregados. Reuno com políticos, empresários, dou palestras de economia, entrevistas para revistas especializadas e para jornais do mundo inteiro, enfim, para nada mais me sobra tempo.”

Depois de o ouvir, disse o Mestre:

“Estou certo, que quando faleceres, alguém dirá: - Morreu um homem cuja vida foi totalmente preenchida com futilidades e inutilidades. Um homem que em dezena de anos não viveu em boa verdade um único dia. Um homem que viveu uma vida que não mereceu em momento algum ser vivida. Parabéns!”

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG